

FUNDESTE

FUNDAÇÃO DE ENSINO DO DESENVOLVIMENTO DO OESTE

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR

Chapecó - SC



CADERNOS DO
CENTRO DE ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA
SÓCIO-CULTURAL DO OESTE DE STA. CATARINA

N.Cham. P 905 011R

Título: Cadernos do CEOM .



258921

Ac. 146978

N.º 2

JUN./87

. 1987

v.2, n.2, dez. 1987 CEOM

FUNDAÇÃO DE ENSINO DO DESENVOLVIMENTO DO OESTE - FUNDESTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR
CENTRO DE ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA SÓCIO-CULTURAL DO OESTE DE SC - CEOM

CADERNO DO CENTRO DE ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA
SÓCIO-CULTURAL DO OESTE DE SC

Ano: 2	Nº: 2	Jun/87
--------	-------	--------

CONSELHO EDITORIAL:

Diretor Geral do CES/FUNDESTE: Santo Rossetto
Vice-Diretora do CES/FUNDESTE: Elisabete Rabaldo Bottan
Dalme Marie Grando Rauen
Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz
Ilda Ana Brisot
Jaci Poli
José Carlos Ortiz
Nemésio Carlos Da Silva

REVISÃO:

Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz
Nemésio Carlos Da Silva
Oneida Maria Belusso

DATILOGRAFIA:

Dulce Fátima Zopeletto

EXPEDIENTE:

Cx. Postal 747
89.800 - Chapecó (SC)

IMPORTANTE: Esta é uma publicação do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de SC. Aceitam-se colaborações que se enquadrem nos seus objetivos, mas é reservado o direito de publicação.
Os artigos, aqui publicados, são de inteira responsabilidade de seus autores.
A reprodução só é permitida com a referência correspondente.
Solicita-se permuta.

APOIO: Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina - AMOSC
Prefeitura Municipal de Chapecó - SC

APRESENTAÇÃO

A história da população pré-histórica, não poderia deixar de ser parte integrante e essencial da organização da memória sócio-cultural do Oeste de Santa Catarina. Os índios Kaingang, coletores e caçadores pré-ceramistas e, posteriormente, os ceramistas Tupis-Guaranis já se encontravam nesta região, hoje tão decantada, antes que o bandeirante Zacarias Dias Cortes por aqui passasse, numa viagem pioneira de conhecimento, nos idos de 1720.

Desde quando essas populações indígenas habitavam a região? Onde vieram? Qual era seu modo de vida? Que mudanças sofreu esse modo de vida com a vinda do homem branco? O que nos deixaram, além de objetos curiosos e lendas fantásticas? Que idéia nos fazemos, nós da época da agro-industrialização, desse HOMEM pré-histórico que, pelo simples fato de ter vivido em condições de origem e evolução antropológicas diferentes das vividas pelo HOMEM europeu, e, na maioria das vezes, considerado menos HOMEM do que este? O que seria, hoje, deles, não fôssemos nós? O que teria sido nossa história de colonizadores, não estivessem eles na região quando a "desbravamos"? Como era o "habitat" geo-físico e como este se relaciona com o atual "habitat" geo-político? Alguma coisa da cultura deles ficou incorporada a "nossa" cultura? E a nomenclatura que nós (brancos europeus!) utilizamos para denominar lugares (Joaquim, Xanxerê, Xaxim, Chapecó, (X?), Itapiranga, Itá ...) e as honras póstumas que prestamos ao Índio Condá? Herói ou traidor?

Estas e outras interrogações desafiam os interessados na verdadeira história do Oeste de Santa Catarina.

O Nº 02 do Caderno da Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina inicia um conjunto de respostas a essas e outras interrogações.

INTRODUÇÃO

Duas razões principais nortearam esta publicação: em primeiro lugar, a tentativa de levantar noções gerais que permitissem esboçar a Pré-História da região oestina. Esta tarefa impôs como requisito prévio contextualizar a Pré-História regional dentro do panorama pré-histórico mundial e nacional. Neste empreendimento, uma das dificuldades mais sérias com que nos defrontamos foram as fontes bibliográficas incompletas ou pouco atualizadas e sobretudo a carência de dados conclusivos a respeito. A pesquisa pré-histórica tem, em linhas gerais, progredido pouco no Brasil. Falta-lhe recursos financeiros e humanos que possibilitem os necessários estudos sistemáticos, a despeito da vulgarização da arqueologia pelos amadores. O panorama da Arqueologia Pré-histórica Brasileira registra, na desoladora maioria dos casos, "trabalhos de salvação do material arqueológico" (Beck, 1968, p.77). Neste contexto, a situação dos estudos da pré-história catarinense é similar, com destaque às pesquisas do Prof. Walter Piazza, da Profª Annamaria Beck e as do Pe. Rohr. A nível estritamente regional, cabe ressaltar, a experiência efetuada pela ELETROSUL que, em função do Projeto Uruguai de construção de barragens, conveniou com uma gabaritada equipe de antropólogos da UFSC para, entre outros objetivos, desenvolver pesquisas arqueológicas sistemáticas na bacia do rio Uruguai.

As conclusões dos primeiros relatórios, frutos desse convênio, e os dados das pesquisas arqueológicas realizadas nos últimos vinte anos, especialmente as do Pe. Rohr, oferecem dados interessantes a respeito da evolução cultural dos primitivos habitantes da região, que merecem ser conhecidos e divulgados.

Esta primeira razão, está intimamente relacionada com um dos objetivos fundamentais do Centro de Memória Sócio-Cultural, qual seja, o de possibilitar o aproveitamento, a nível escolar e extra-escolar, da alocação, mesmo que preliminar, das fontes que permitam retratar nosso processo evolutivo histórico-cultural.

A segunda motivação, decorre da preocupação pela falta de consciência que se constata em relação ao imenso valor histórico que encerram os sítios arqueológicos regionais (os já mapeados e os por mapear) e a intenção de divulgá-los para contribuir com a sua própria preservação. Por outra parte, cientes de que a terminologia específica, aqui utilizada, dificultaria a compreensão do leitor, incorporamos, ao final desta síntese, um glossário.

* Trabalho apresentado para a obtenção do grau de licenciado em Estudos Sociais.

** Membro do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina e Responsável da Biblioteca Central da FUNDESTE.

PRÉ-HISTÓRIA - Conceituação

Antes mesmo da tentativa de esboçar a Pré-História esta dual necessário se faz analisar e delimitar o próprio termo "Pré-História".

Em primeiro lugar, pode-se dizer que esta palavra dá margem a confusões, uma vez que designa, tanto um período da história da humanidade - o anterior à história baseada em textos -, como também uma ciência que tem como objetivo o conhecimento das épocas pré-históricas; como problema, a reconstituição das etapas da humanidade pré-histórica; como método, a arqueologia, a antropologia e paleontologia. (Laming-Emperair, 1968)

A Pré-História, pois, enceta o conhecimento do passado humano onde cessa a história registrada. História e Pré-História complementam a reconstrução do desenvolvimento humano, diferindo quanto à época abordada, às fontes documentais e aos métodos de reconstrução adotados. Ambas, porém, procuram visualizar o modo de vida de um povo que viveu em épocas diferentes, tentando explicar os processos de transição de um período para outro.

Pela sua própria natureza, a Pré-História não é nem será uma ciência exata. Os métodos de datação ainda oferecem grandes margens de erros e muitos dos artefatos produzidos pelo homem, que permitiriam uma reconstituição mais aproximada, por serem confeccionados em material perecível (madeira, couro, etc), perderam-se para sempre. Não obstante isso, "é uma ciência muito séria de especialistas, que buscam documentos do passado para estudá-los, ordená-los e depois transmiti-los à posteridade..." (Rohr, 1984 , p.77).

O período que a Pré-História objetiva estudar é vastíssimo. Enquanto a História abrange o estudo de sociedades, cuja documentação escrita remonta-se no máximo a 7 mil anos atrás, a Pré-História pretende abarcar a época onde o desenvolvimento humano parece ter começado, é dizer, aproximadamente, dois milhões de anos atrás (Trigger, 1973).

Assim, com todas estas limitações da Pré-História geral acrescidas pelas dificuldades que enfrenta a pesquisa pré-histórica brasileira em particular, poder-se-ia dizer que a pesquisa da Pré-História Catarinense procura reconstruir quais foram os grupos pré-históricos que viveram no estado, determinar o conteúdo de suas culturas, definir sua origem, difusão e suas relações com outras culturas no tempo e no espaço, explicar, enfim, o que aconteceu com eles (sua evolução e decadência).

A EVOLUÇÃO HUMANA

A evolução do homem através dos tempos foi lenta. Milhões e milhões de anos se passaram até que, em decorrência de uma série de mutações na escala animal, surgiram os primitivos homídeos. Embora os dados fósseis até agora sejam insuficientes, não se duvida mais que o homem tenha evoluído de antigos primatas (Marconi & Presotto, 1985).

A questão que se mantém pendente, para alguns autores, é a de quais foram os fatores determinantes na transformação do macaco em homem.

Engels forneceu uma explicação científica do fenômeno de hominização, argumentando que o fator principal neste processo foi o trabalho: "o trabalho criou o próprio homem". (Engels apud Diakov & Kovalev, 1985, p. 22). É pela fabricação intencional dos instrumentos que os membros anteriores diferenciam-se dos membros posteriores, desenvolvem-se as mãos, consolida-se a necessidade de caminhar ereto, ao passo que se favorece o desenvolvimento de laringe e das cordas vocais e o aumento do volume de cérebro. Segundo Diakov & Kovalev (1985, p. 23), "o estudo de ossadas de homens fósseis mostra que a diferenciação dos membros precede a evolução do crânio, o que confirma claramente a idéia de Engels sobre o papel do trabalho no aparecimento do homem".

Graças aos estudos paleontológicos, presume-se que os homídeos mais antigos pertencem ao gênero *Australopithecus*, descobertos pela primeira vez por Dart em 1924, na África. O *Australopithecus* surgiu há cerca de dois milhões de anos, no Pleistoceno, a partir dos macacos antropomorfos ou antropóides. Fósseis destes precursores da espécie humana, também têm sido encontrados na Ásia (Java e China) e na Europa; junto aos seus restos acham-se "os mais antigos artefatos líticos conhecidos". (Mendes, 1977, p. 285). Este tipo perdurou até o aparecimento do *Homo erectus*, na África, pertencente já ao gênero *Homo*. A primeira descoberta desta espécie extinta de *H. erectus*, data de 1892, quando Eugene Dubois achou seus restos em Java (Ásia). O "homem de Pekim", descoberto na China, em 1927, por Davidson Black é, atualmente, considerado uma subespécie do *H. erectus*. Esta espécie fabricou artefatos líticos mais bem elaborados e conhecia o uso do fogo; presume-se que sua antiguidade seja de aproximadamente 400 mil anos.

O chamado "homem de Neanderthal" (Rep. Fed. da Alemanha) é posterior, com uma antiguidade de 120 mil anos. A tendência em paleontologia é considerá-lo uma subespécie de *Homo sapiens*. Existiu durante 80 mil anos, distribuiu-se pela Europa, Oriente Médio e África e, desapareceu subitamente há cerca de 30 mil anos (Mendes, 1977; Marconi & Presotto, 1985). Nessa época, começaram a surgir homens idênticos aos atuais. Seus vestígios são classificados como *Homo sapiens sapiens* e imputados a raças extintas como as de Cro-Magnon, Chancelade e Grimaldi. Estas raças representariam o protótipo dos três grandes grupos raciais conhecidos: os brancos, os asiáticos e os negros respectivamente. (Marconi & Pressotto, 1985).

No fenômeno da hominização, a maioria dos paleontólogos aceita a descendência vertical: AUSTRALOPITHECUS - HOMO ERETUS (*Pithecantropus*, Homem de Java, Homem de Pekim) - HOMO SAPIENS (homem de Neanderthal) - HOMO SAPIENS SAPIENS (Cro-Magnon - Chancelade - Grimaldi).

O *Homo sapiens* tinha uma tecnologia avançada, desenvolveu a arte rupestre (pinturas coloridas nas cavernas) e a indús-

tria de lascas. Quando as glaciações terminam, os seres humanos se transformam em coletores e caçadores de animais de médio e pequeno porte.

Assim sendo, o homem atual deve ter uma existência de pouco mais de 20 mil anos e pelo documentário paleontológico até o presente alocado, tudo leva a supor que o berço da humanidade foi a África. Porém, como especulam certos autores, este berço possui rodas, pois, não é improvável que, no futuro, novas investigações permitam encontrar formas ancestrais mais antigas que as achadas na África.

RETROSPECTIVA PALEONTOLÓGICA

Os métodos de datação radiométricos calculam a idade geológica da terra em mais de 4,5 milhões de anos e possibilitam dividir o tempo geológico e correlacioná-lo com o aparecimento do homem, como pode ser observado no Quadro 01.

QUADRO 01 - RETROSPECTIVA PALEONTOLÓGICA

ERA	PERÍODO (duração em milhões de anos)	ÉPOCA	ÉPOCAS CULTURAIS	HOMO
		HOLOCENO (10.000 anos ou RECENTE)	NEOLÍTICO	Homo modernus
	QUATERNÁRIO (2,5)	PLEISTOCENO	Mesolítico Paleolit. Sup. Paleolit. Méd. Paleolit. Inf. Pré-paleolit.	Homo sapiens sapiens Homo sapiens Homo erectus Australopithecus
CENOZOICA (63) "vida nova"	TERCIÁRIO (60,5)	Plioceno (10,5) Mioceno (12) Oligoceno (11) Eoceno (22) Paleoceno (5)		Mesocos Antropóides
MESOZOICA (167) "vida média"	CRETÁCEO (72) JURÁSSICO (45) TRIÁSSICO (50)			
PALEOZOICA (340) "vida antiga"	PERMIANO (50) CARBONIFERO (60) DEVONIANO (60) SILURIANO (30) ORDOVICIANO (70) CAMBRIANO (70)			
ERA PROTEROZOICA (4 bilhões de anos) PRECAMBRIANO				

ESTÁGIOS CULTURAIS DA EVOLUÇÃO HUMANA

No Período Quaternário, a época Pleistocênica testemunhou a evolução física e cultural do homem (evolução bio-cultural da humanidade).

O desenvolvimento cultural pode ser avaliado pela presença de utensílios (artefatos) manufaturados associados a numerosas evidências fósseis. As provas concretas da crescente complexidade cultural pertencem ao Paleolítico (Paleo, antiga: lítico, pedra), ao Mesolítico (meso, média; lítico, pedra) e ao Neolítico (Pedra Nova, polida).

Estas idades culturais, tomando por base Marconi & Presotto, (1985), podem ser caracterizadas, sumariamente, da seguinte forma:

- a) Paleolítico: (de 1 milhão a 150.000 anos). Divide-se em Inferior, Médio e Superior. O Inferior corresponde aos primeiros homídeos (Australopithecus, Homo erectus). Sua indústria lítica era bem rudimentar, predadores da natureza, coletavam vegetais e caçavam animais. O Paleolítico Médio (de 150.000 a 40.000 anos) corresponde à presença do Homo sapiens na Europa. Este homem vivia da coleta e da caça, porém, a sua tecnologia era bem mais aperfeiçoada (bifacial, pedra lascada dos dois lados), morava em cavernas, praticando o sepultamento de seus mortos. O Paleolítico Superior (40.000 a 12.000 anos) representa um salto de qualidade de grande significado no desenvolvimento cultural humano. O homem deste período é o sapiens sapiens. Seus instrumentos derivam de técnicas mais complexas (artefatos de sílex e de osso); surgem as primeiras manifestações artísticas (pintura rupestre, escultura e modelagem) e religiosas propriamente ditas.
- b) Mesolítico: (12.000 a 10 anos). Período intermédio em que o homem se prepara para a passagem de predador a produtor de alimentos (Marconi & Presotto, 1985). Conheciam o arco e a flecha, o anzol, o arpão, a rede, a roda e a canoa. Em algumas regiões, o homem deste período construiu as palafitas (casas sobre estacas em cima de lagos).
- c) Neolítico: (10.000 a.C.) Esta época corresponde já ao Holoceno ou Recente, estende-se até a Proto-História Européia ou Idade dos Metais († 4.500 a.C.).

Caracteriza-se por uma série de mudanças: fixação em algumas regiões favoráveis à produção de alimentos e domesticação de animais, o que facilitou a sedentarização e a formação de grandes aldeias. Inauguram-se novas técnicas de confecção dos instrumentos líticos através do polimento e da decoração. Neste período, há 7 ou 8 mil anos a.C., aparece a cerâmica.

O esquema tradicional de classificação dos estágios culturais da humanidade, acima sintetizado, baseia-se na matéria-prima empregada para a fabricação dos utensílios ou nas tradições técnicas desde a perspectiva pré-histórica européia.

Como, oportunamente, levanta o arqueólogo francês Laming-Emperaire (1968) é absurdo, no atual nível de conhecimento, que a pré-história européia continue sendo tomada como representante do conjunto mundial. Por estas razões, cabe registrar aqui a existência de esquemas mais completos, cujo ponto de referência específico são as copiosas informações etnográficas e arqueológicas obtidas dos primitivos povos da América.

Esquemas conceituais melhor formulados, na medida em que partem das especificidades americanas, aparecem em numerosos trabalhos modernos. Merece destaque o esforço realizado pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, do qual falaremos mais adiante, ao abordar a problemática das civilizações americanas.

O HOMEM FÓSSIL AMERICANO

O consenso entre os estudiosos faz considerar como realmente improvável a possibilidade do homem ter-se originado na América. Os restos humanos mais antigos até o presente conhecidos, são referidos ao Homo sapiens (Mendes, 1977) e datação pelo Carbono 14 revela que a presença do homem aqui é mais recente que noutros continentes. (Borges, 1968; Canals Frau, 1973; Mendes, 1977).

Os fósseis humanos achados não pertencem apenas ao tipo de homem "moderno". Existiram homens paleolíticos na América: neste ponto existe acordo entre os autores. A pré-história paleolítica americana é ainda pouco conhecida. Mesmo sem ter, até o momento, provas conclusivas, considera-se que a antiguidade do homem americano é de cerca de 40 mil anos na América do Norte (Lewisville, Texas) e de 16 mil anos na América do Sul (Muaco, Venezuela).

No Brasil, o sítio arqueológico mais antigo registrado (14 mil anos) era a jazida do município de Rio Claro, em São Paulo (Mendes, 1977). Nos primeiros anos da década atual, efetuou-se uma importante descoberta em São Raimundo Nonato, Piauí, que faria recuar esta data a 35 mil anos. Porém, em ambos os casos não foram encontradas ossadas humanas. Escavações mais recentes (1987), realizadas na Bahia pela equipe da arqueóloga Maria da Conceição Beltrão, embasam sua hipótese de que o homem habitou as Américas, centenas de milhares de anos atrás, primeiro na região amazônica, para depois alcançar os Andes. Nas grutas dessa importante área arqueológica encontram-se vestígios de fauna extinta e de fogueiras. A arqueóloga mencionada espera descobrir, em pouco tempo, ossadas humanas que comprovem sua teoria de que o homem pré-histórico habitava a região há mais de 300 mil anos. (Perspectiva Universitária, 1987)

Estas últimas descobertas renovam o interesse pela Pré-História Brasileira e abrem novas polêmicas em torno à antiguidade do homem fóssil americano.

Não obstante isso, os testemunhos fósseis do homem no Brasil, até o momento constatados, continuam sendo os vestígios do chamado Homem de Lagoa Santa (Minas Gerais) descobertos em 1840, por Peter G. Lund. Suas ossadas associadas artefatos datam aproximadamente 10 mil anos, Mendes (1977) e Marconi & Presotto (1985), assinalam que os esqueletos humanos pré-históricos do Brasil são todos pertencentes ao Holocênico ou Recente e procedem das grutas da região de Lagoa Santa ou dos "sambaquis" do litoral brasileiro.

A antiguidade maior é constituída pelos ocupantes do interior, já que os ocupantes mais antigos do litoral, representados pelo Sambaquí de São Paulo, possuem uma datação de 7.000 anos atrás e os restantes, até agora localizados, têm no máximo 5 mil anos. Apenas nos "Sambaquis" mais recentes - desta era - encontram-se artefatos de pedra polida além dos fabricados em osso e

conchas. Enquanto que a cerâmica no Brasil é uma manifestação cultural bem mais recente.

A ORIGEM DO HOMEM E DAS CIVILIZAÇÕES AMERICANAS

Quais foram os primeiros habitantes da América? Teriam eles surgido e se desenvolvido neste chão? Ou, então, de onde eles vieram? Essas perguntas começaram a ser formuladas a partir da descoberta do continente americano e a discussão em torno das possíveis respostas, ainda continua.

As teorias a respeito, além de numerosas e antigas, são contraditórias. De fato, quando Colombo descobriu a América, ele e seus acompanhantes ficaram surpresos de que não existissem referências, na Bíblia ou em outros escritos, sobre a nova humanidade encontrada. Supuseram, erradamente, que fossem habitantes das Índias e os denominaram então de "índios". A expressão "índios" utilizada até o presente, como bem assinalou Ramos (1943, p. 27) ficou como "um símbolo da ignorância sobre a origem dos habitantes do Novo Mundo".

Piazza (1983) classifica as diversas hipóteses sobre a origem do homem americano em dois grandes grupos - 1) Teorias pré-científicas: 2) Teorias modernas.

- 1) Teorias pré-científicas - A literatura acerca de teorias deste tipo é volumosa. Explicam o homem americano: a) como sendo habitante de lendários continentes desaparecidos (Atlântida, Lemúria, Antártida, etc.); b) tomando por base os escritos bíblicos como sendo descendente dos filhos e netos de Nôe, ou das tribos de Israel. Estas Teorias, como o próprio nome indica, foram o produto de raciocínios sem base científica alguma. A título de exemplo, pode-se mencionar a grande lista de autores (P. Las Casas, P. Gregório Garcia, etc.) que, estravagantemente, defenderam uma origem israelita para os habitantes americanos, somente pelo fato de não reconhecerem Jesus Cristo!
- 2) Teorias Modernas - Pertencem a este século, pois, as do século XIX, apesar de melhor concebidas, em decorrência da divulgação das teorias evolucionistas de Lamarck e Darwin, foram prejudicadas por preconceitos de origem religiosa ou filosófica. As teorias modernas debatem-se entre as hipóteses monogenistas (o homem teria se originado num só lugar), e as poligenistas (haveriam vários locais de hominização). Com relação à origem do homem americano, estas teorias, dividem-se em autóctones (nativos) e alóctones (alienígenas ou não-autóctones). Ambas subdividem-se em monogenistas ou poligenistas, quer dizer, tanto o autoctonismo como o aloctonismo podem admitir origem única ou origem múltipla.

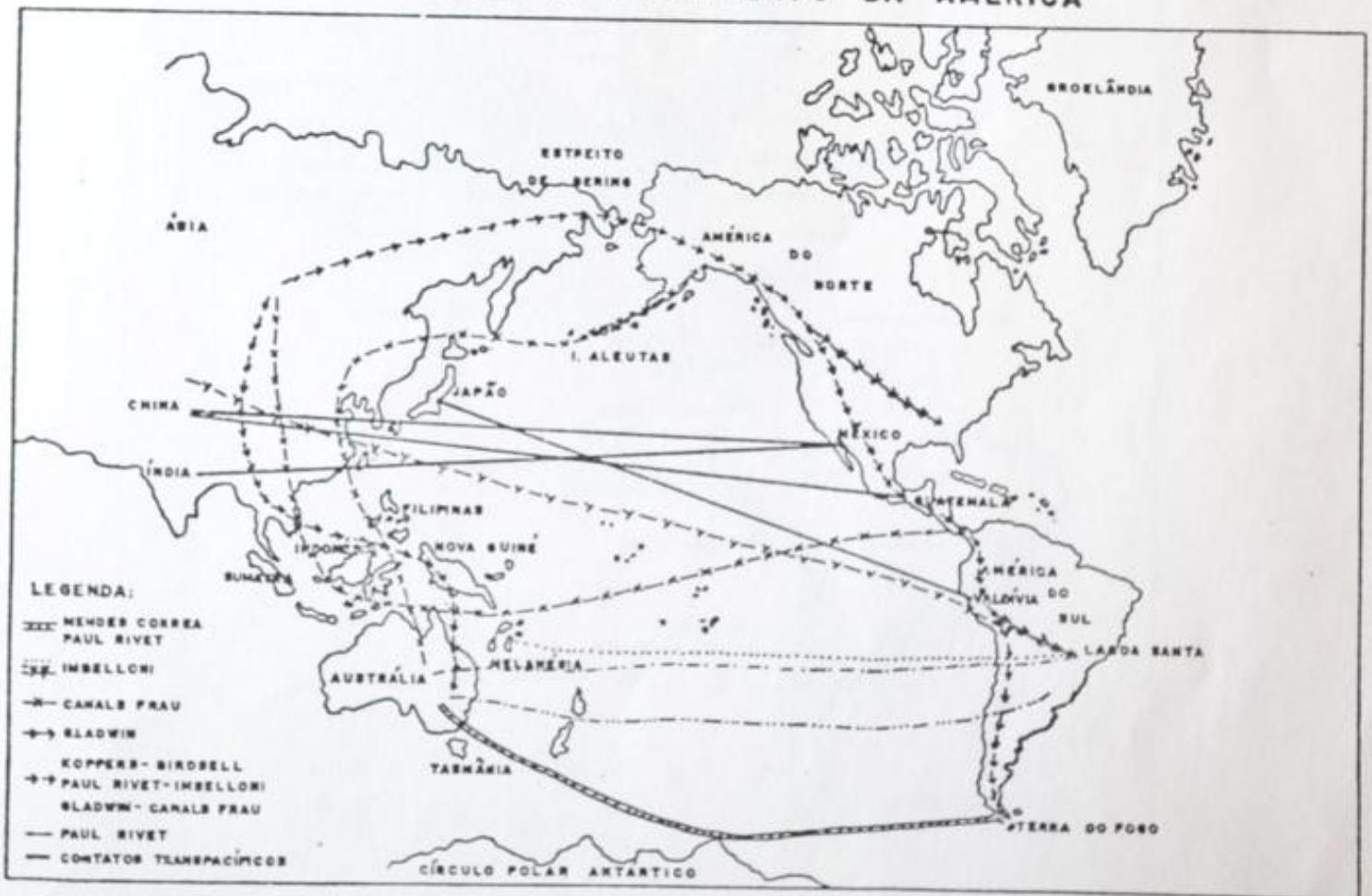
O precursor do autoctonismo monogenista foi o paleontólogo argentino Florentino Ameghino (1854-1911) para quem o berço da humanidade foi a Patagonia, onde teria surgido já (o homem) no terciário. Vários estudiosos aderiram a essa hipótese, inclusive os que divulgaram a "Raça da Lagoa Santa" - Brasil, a qual já mencionamos. Hoje em dia, esta tese está completamente abandonada (Canals Frau, 1973; Mendes, 1977; Piazza, 1983).

Atualmente, possuem bases científicas mais sólidas as teorias alóctones. Do grupo que sustenta o aloctonismo monogenista destaca-se Alex Hrdlicka (1869-1934) que afirmava que os americanos pertenceriam a uma única raça de origem mongólica que, vinda da Ásia Oriental teria ingressado no continente pelo estreito de Bering, quando este se encontrava seco.

Do grupo que defende o aloctonismo poligenista, sobressai Paul Rivet (1960) cujas teorias têm sido as mais aceitas do mundo científico. Apartir dos numerosos paralelismos etnográficos, constatados, Rivet argumenta que existiram quatro migrações para América, (como pode ser observado no mapa 01):

- 1º) Australiana através da Antártida e Terra do Fogo (Patagones);
- 2º) Malaio-polinésia através do Oceano Pacífico (originaram o homem da Lagoa Santa);
- 3º) Mongólica através do Estreito de Bering (originaram os tipos centro-americanos e ando-peruanos);
- 4º) Esquimó, através do estreito de Bering, último grupo a povoar a América. (Canals Frau, 1973; Marconi & Presotto, 1985).

TEORIAS REFERENTES AO POVOAMENTO DA AMÉRICA

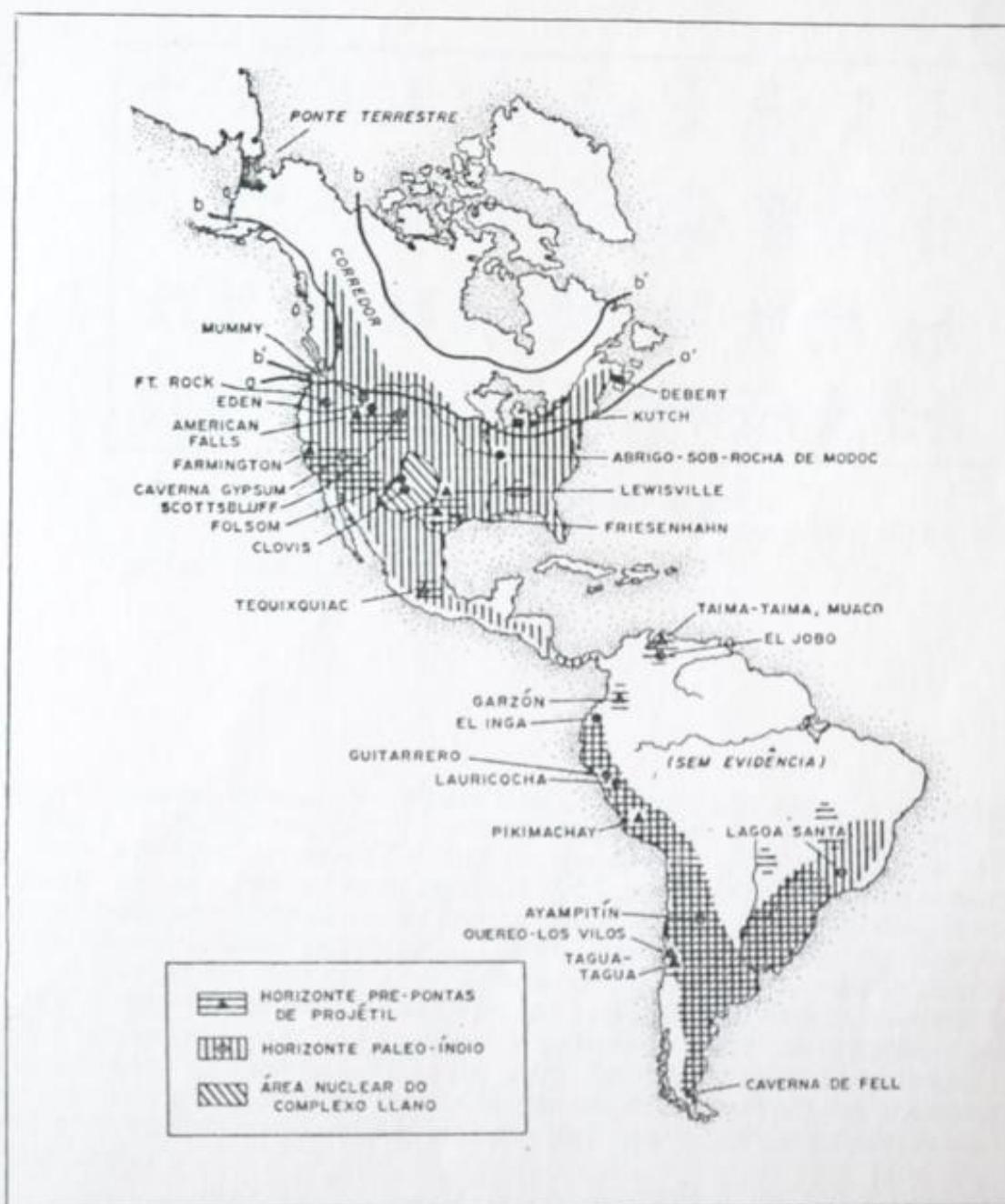


Mapa 01

Fonte: PIAZZA, Walter (1983, p.43)

Estima-se hoje que os primeiros homens teriam chegado à América no final do Paleolítico Superior e que a fase de peregrinação e interiorização em direção ao Atlântico teria acontecido no início do Neolítico (Thomé, 1981).

Na pré-história do Novo Mundo, a arqueóloga americana Betty Meggers (1979) sustenta que podem ser visualizados dois horizontes: o horizonte Pré-Pontas de Projétil, representado pelos sítios arqueológicos que carecem de pontas de projétil, mas apresentam abundância de outros artefatos líticos mais toscos e o horizonte Paleo-índio (ver mapa 02). Este último horizonte de uma antigüidade menor que o primeiro (datado cerca de 10 mil anos atrás), corresponderia a grupos caçadores de grandes animais (cavalo, espécies extintas de visão, etc.) e, seus artefatos característicos são as pontas de projétil. Alguns autores consideram os paleo-índios como sendo os primeiros imigrantes da América.



Mapa 02

Fonte: MEGGERS, Betty (1979, p.25)

A controvérsia sobre o povoamento original de América ainda existe, porém, na atualidade está fora de cogitação a possibilidade de que o homem americano seja autóctone. Este polêmico assunto liga-se intimamente com a questão da própria evolução das civilizações indígenas americanas. As opiniões a respeito também estão divididas. As numerosas e notáveis afinidades existentes entre as culturas do Velho e do Novo Mundo sugerem a quase certeza de que as primitivas formas culturais americanas, produziram-se por influências vindas, em épocas remotas, do Velho Mundo.

Na maioria das vezes, os paralelismos existentes são atribuídos a casualidades e mesmo a invenções independentes. Canals Frau, eminente etnólogo argentino e estudioso das semelhanças verificadas entre as civilizações americanas e as do Antigo Oriente, demonstra que aquelas, só puderam evoluir graças a impulsos ou influências recebidas desde o Velho Mundo, berço da humanidade e da civilização também.



Fig. 01 - Paralelismos etnográficos:
Escritura do Vale do Indo e da Ilha de Pascoa.

Fonte: CANALS FRAU, 1973, p.74.

Os que costumam negar o valor destas similitudes, conclui Canals Frau (1973), revelam que o temor à distância atua no seu subconsciente. Sem pretender aprofundar a questão, é apropriado citar, que para esse autor, as primeiras civilizações indígenas americanas não surgiram por impulso próprio nem foram importadas como um todo do Velho Mundo. Sua formação, pelo menos a nível de área andina (desde o Norte do Chile até o México), seria a resultante da conjugação de três fatores, a saber: a base indígena pré-existente, o aporte polinésio e as inovações produzidas no amalgamar dos elementos culturais díspares. Outras modificações aconteceram, posteriormente, devidas ao processo de adaptação a novos ambientes dos grupos primitivos e ao aporte ocasional de alguns elementos vindos da Ásia Central.

Na costa andina, teriam surgidos os primeiros núcleos polinésio-americanos que dariam origem depois às altas culturas (maias, incas, astecas, etc.) de que hoje temos ainda vestígios. (Ver mapa 03)



Mapa 03 - Área de dispersão das Civilizações Americanas.
 Fonte: CANALS FRAU (1973, p.20)

Para o estudo da formação dos povos americanos, se reconhece na comunidade científica em geral, a contribuição do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro. Com o intuito de elaborar um esquema do desenvolvimento das civilizações americanas, Ribeiro (1979) procedeu à revisão crítica das diversas teorias da evolução tecnológica, social e ideológica das diferentes sociedades humanas dos últimos dez mil anos. Desta forma, o processo do desenvolvimento humano foi concebido como desdobrado em várias etapas correspondentes ao desencadeamento de sucessivas revoluções tecnológicas (agrícola, urbana, do regadio, metalúrgica, pastoril, mercantil, industrial e termonuclear) cujos efeitos se propagam através de um ou mais processos civilizatórios. (Conforme pode ser observado no Quadro 02)

Quadro 02

SEQUÊNCIAS EVOLUTIVAS EM DIVERSOS ESQUEMAS CONCEITUADOS

K. MARX (1837)	L. H. MORGAN (1877)	F. ENGELS (1884)	V. GORDON CHILDE (1937)	JULIAN STEWARD (1933)	D. RIBEIRO
COMUNISMO		COMUNISMO		(Impérios Econômico-Políticos dos Séculos XIX e XX)	SOCIEDADES FUTURAS
SOCIALISMO		SOCIALISMO		(Expansão Centro e Norte-Européia)	SOCIALISMO EVOLUTIVO
CAPITALISMO INDUSTRIAL		CAPITALISMO INDUSTRIAL		(Conquistas Espanholas)	SOCIALISMO REVOLUCIONÁRIO
CAPITALISMO MERCANTIL		CAPITALISMO MERCANTIL		(FEUDALISMO)	NACIONALISMO MODERNIZADOR
FEUDALISMO		FEUDAUSMO		(GRÉCIA E ROMA)	NEOCOLONIALISMO
FORMAÇÃO GERMÂNICA		ESCRAVISMO	IDADE DO FERRO	ESTADOS MILITARISTAS DE REGADIO	CAPITALISMO MERCANTIL
FORMAÇÃO ANTIGA CLÁSSICA	ESCRITA		IDADE DO BRONZE	Estados Teo- Estados Teocráticos de Regadio	COLONIALISMO MERCANTIL
	FERRO		ALTA BARBARIE DO COBRE	FLORESCIMENTO REGIONAL	COLONIALISMO DE POVOAMENTO
	LAVOURA			FORMATIVO	COLONIALISMO ESCRAVISTA
	DOMESTICAÇÃO		BARBARIE NEOLÍTICA	AGRICULTURA INCIPIENTE	IMPERIOS MERCANTIS ESCRAVISTAS
COMUNIDADE GENTILICA	CERÂMICA	BARBARIE			IMPERIOS DESPOTICOS SALVACIONISTAS
	CAÇA		SELVAGERIA		Regressões Feudais
COMUNIDADE PRIMITIVA	PESCA	COMUNISMO PRIMITIVO			IMPERIOS TEOCRATICOS DE REGADIO
	COLETA				(PRIVATISTAS) RURAIS
					(COLETIVISTAS) ARTESANAIS
					ALDEIAS AGRICOLAS INDIFERENCIADAS
					CHEFIAS PASTORIS NOMADES
					HORDAS PASTORIS NOMADES
					TRIBOS DE CAÇADORES E COLETORES

Quadro 02 - Sequências Evolutivas em Diversos Esquemas Conceituados.
 Fonte: RIBEIRO (1979, p.49)

As revoluções tecnológicas são conceituadas como aquelas inovações prodigiosas no sistema produtivo (decorrentes do aprimoramento das ações sobre a natureza e a utilização de novas frentes de energia), capazes de introduzir transformações radicais nas relações sociais e de transfigurar a própria condição humana. Assim, por exemplo, a Revolução Agrícola possibilitou um salto de qualidade, transformando o homem que de mero apropriador da natureza torna-se um agente capaz de dominá-la, organizando a produção de alimentos o que, em última instância, pautou mudanças profundas, tanto na vida social e na organização política, como na própria visão de mundo. É dizer, as bases tecnológicas (ver caracterização das revoluções) possibilitaram o surgimento de novas formações sócio-culturais que se propagaram através de distintos processos civilizatórios, configurando assim as primeiras civilizações regionais.

Revoluções Tecnológicas - Caracterização

REVOLUÇÃO AGRÍCOLA

Lavoura
Pastoreio
Cestaria
Teciagem
Cerâmica

REVOLUÇÃO URBANA

Arados
Veículos de Roda
Tração Animal
Regadio
Tijolos
Cobre — Bronze
Edificações em Pedra
Silos
Veleiros

REVOLUÇÃO DO REGADIO

Comportas e Canais
Adução
Estradas
Azulejo
Porcelana
Instr. Metálicos
Pólis. Prensa
Cabrestantes
Balança. Metros
Arquit. Monumental
Escritura Ideográfica
Matemática
Astronomia
Calendários

REVOLUÇÃO METALÚRGICA

Ferro Forjado
Moeda Cunhada
Mó Rotativa
Nora. Grus
Ferramentas e
Armas de Ferro
Aquedutos
Moinhos Hidráulicos
Alfabeto
Notação Decimal
Faróis Marítimos

REVOLUÇÃO PASTORIL

Cavalaria
Frios
Estridos
Ferraduras
Arnês de Sela
Arnês Rígido
Aparelhos Hidráulicos
Moinhos Eólicos
Alambiques
Atafonas

REVOLUÇÃO MERCANTIL

Veleiros Oceânicos
Bússula
Apar. Óticos
Leme Fixo
Mapas
Cronômetros
Ferro Fundido
Armas de Fogo
Papel. Imprensa
Máquinas Hidráulicas
Tornos
Talandros
Trefilação
Ligas Metálicas
Biela Cardan

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Aço — Coque
Motores a Carvão,
Hidrelétricos,
Combustão Interna
Borracha
Máquinas Operatrizes
Tornos Automáticos
Ácido Sulfúrico, Soda
Prensas Hidráulicas
Turbinas. Dinamos
Ind. Têxtil,
Química,
Metalúrgica
Locomotivas
Navios a Vapor
Automóveis
Aviões
Submarinos
Máq. Agrícolas
Apar. Elétricos
Refrigeração
Telégrafo
Telefone. Fonógrafo
Radiodifusão
Foto. Cinema

REVOLUÇÃO TERMONUCLEAR

Eletrônica
Transistores
Radar. Helicópteros
Retropropulsão
Reator Nuclear
Bomba Atômica
Bateria Solar
Plásticos
Computadores
Automação
Gravação Magnética
Luz Coerente
Projéteis Espaciais
Radiotelescópio
Sintéticos:
Fertilizantes,
Herbicidas,
Germicidas
Dessalinização da Água
do Mar
Gaseificação Subterrânea
do Carvão

Fonte: RIBEIRO (1979, p.65)

Com a simples intenção de despertar a atenção pela interessante e abrangente abordagem proposta pelo Prof. Ribeiro, importa, aqui, levantar algumas conclusões acerca do estágio de evolução sócio-cultural dos primitivos povos latino-americanos em geral e do Brasil em especial.

Antes da Revolução Agrícola, por longo tempo, os povos pré-agrícolas americanos viviam em pequenos bandos de coletores de raízes e frutos, de caçadores e pescadores; aprenderam a fabricar instrumentos de trabalho para defesa e ataque, sem ter líderes formais nem estabelecer diferenças sociais. Enquanto que muitos permaneceram nesta etapa, estima-se que em 2500 a.C. irrompe a Revolução Agrícola em algumas regiões de América, desencadeando o primeiro processo civilizatório que, rompendo com a condição de bandos de caçadores e coletores, dá lugar a uma nova formação sócio-cultural: as Aldeias Agrícolas Indiferenciadas (sem estratificação em classes e conômicas). Estas sociedades reproduziam seus modos de vida através de economias de subsistência, o que exigia a estruturação em tribos pela necessidade de defesa grupal do território explorado (propriedade coletiva da terra indispensável à lavoura); define-se a divisão do trabalho, inicialmente a nível de sexo (tarefas femininas e masculinas) e, aparecem as primeiras diferenciações sociais (chefes e sacerdotes).

Algumas sociedades experimentaram consideráveis progressos (novas técnicas agrícolas, cerâmica, tecelagem, etc.) o que lhes permitiu acumular inovações tecnológicas que possibilitaram alcançar o nível de uma nova revolução: a URBANA.

Esta segunda revolução tecnológica ensejou o surgimento das primeiras cidades, da metalurgia do cobre e bronze, do calendário e da arquitetura monumental, entre outros. Uma nova reordenação impor-se-á na esfera social com o aumento das populações e conseqüentemente a nível da esfera ideológica, culminando em dois processos civilizatórios: os Estados Rurais Artesanais de Modelo Coletivista e os de Modelo Privatista. Na América, esta evolução processou-se lentamente e verificar-se-á somente em regiões restritas (Meso-América, Altiplano Andino e na Colombia por volta do ano 1000 a.C.) enquanto que, uns povos permaneceriam no estágio pré-agrícola e outros no agrícola incipiente.

A terceira e última revolução tecnológica, a de REGADIO, que será atingida pelos povos pré-colombianos, estrutura-se apenas com os Maias (300 a.C.) e finalmente com os Inca e os Asteca, provendo as bases para o aparecimento das primeiras civilizações regionais com uma nova e complexa formação sócio-cultural: a dos Impérios Teocráticos de Regadio.

QUADRO 03*

REVOLUÇÃO AGRÍCOLA	REVOLUÇÃO URBANA	REVOLUÇÃO DO REGADIO
Aldeias Agrícolas Indiferenciadas	Estados Rurais Artesanais	Impérios Teocráticos de Regadio
Brasil	Meso-América	
- MARAJOARA (1000)	- UXMAL (-1000)	MAIA (-300)
- TUPINAMBÁ (1500)	- GALINAZO (-7000)	AZTECA (1200)
	Altiplano Andino	INCA (1300)
	- MOCHICA (-200)	
	Colombia	
	- CHIBCHA (1000)	

* Adaptado a partir de RIBEIRO (1979)

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DA PRÉ-HISTÓRIA CATARINENSE.

Apesar das poucas evidências arqueológicas alocadas por ora, e a necessidade de continuar aprofundando os estudos sistemáticos acerca da Pré-História Catarinense, podem ser definidas duas áreas arqueológicas no estado: o litorale e o planalto, que patenteiam estágios civilizatórios diversos. Ainda não se sabe se existiram pontos de contato entre ambas, já que a "Serra Geral" coloca-se como uma barreira montanhosa difícil de ser transposta até para o homem atual.

Os grupos humanos pré-históricos do litoral são os responsáveis pelos "Sambaquis" (montes de conchas) e os povoadores do interior, de ocupação mais antiga, seriam os responsáveis pelo fabrico de grande quantidade de artefatos líticos lascados, semipolidos e polidos.

O Prof. Piazza (1983) tenta demonstrar que o povoamento pré-histórico de Santa Catarina estruturou-se em torno das próprias peculiaridades eco-geográficas do estado. Assim:

- a geologia determinou a existência dos sítios-oficina, como decorrência da abundância de matéria-prima para a confecção do instrumental pré-histórico (exemplo: os sítios do Município de Itapiranga no Sudoeste do estado).
- o litoral, pela fertilidade do solo e a abundância de alimentos, condicionou as concentrações humanas, o que explicaria o grande número de "sambaquis" ali encontrados.
- a hidrografia com seus "enlaces fluviais", teriam condicionado os processos migratórios.
- a altitude e as variações de temperatura teriam condicionado o estilo de vida de tal forma que, no planalto, acima dos 700 m de altitude, encontram-se com frequência os abrigos sob-rocha com inscrições rupestres; entre 500 e 700 m, localizam-se as casas subterrâneas ou "buracos de bugre". Já os sítios cerâmicos são raros no planalto e se registram no alto dos morros, na faixa de 500 a 1000 metros onde o terreno favorece a sedentarização. A existência de abrigos sob-rocha no litoral e de casa subterrâneas em altitudes baixas em habitat diferente, pode demonstrar, apenas o "traço cultural persistente do grupo que a utilizava no planalto" (ibidem, p.49).
- o meio ambiente, o contexto flora-fauna definiu os meios de subsistência. As lagoas e o mar do litoral deram origem a povos pescadores e coletores de molusco. Enquanto que no interior, a floresta subtropical do Vale do Uruguai e a flora de araucária, assim como a abundância de animais de porte médio (capivaras, antas, porcos de mato, etc.) e de peixes de água doce, favoreceram o surgimento de povos caçadores e coletores de pinhão.

A exemplo da divisão efetuada a nível de pré-história brasileira, a catarinense pode ser delimitada em dois grandes períodos culturais caracterizados a partir da tecnologia dominante: o Pré-Cerâmico e o Cerâmico. As inter-relações entre estes períodos não estão bem esclarecidas. Por esta circunstância tem validade, ainda hoje, a autorizada opinião da Prof. Beck (1970, p.141) quando, se referindo à insuficiência dos dados sobre nossas populações pré-históricas, dizia que dá "a impressão de estarmos lidando com

grupos humanos isolados, que não estariam relacionados com os grupos que os precederam e com aqueles que os seguiram".

Período Pré-Cerâmico: É o período mais antigo, o mais longo e o menos estudado. Teoricamente teria começado com a entrada do homem no atual território de Santa Catarina, no máximo dez mil anos atrás. Neste período encontram-se grande diversidade de tradições culturais, as principais seriam:

- Alto-Paranaense: Cronologicamente é a mais antiga conhecida, inclusive a nível do Brasil. Teve uma grande área de dispersão, estendendo-se ao Rio Grande do Sul e à Argentina. Localizada sobretudo no Vale do Rio Uruguai, é encontrada no Oeste catarinense no município de Itapiranga e nos municípios vizinhos. É uma tradição lítica, constituída por instrumentos feitos de pedra lascada sobre basalto vermelho.

Outra matéria-prima importante foram os seixos rolados. Os instrumentos, na sua maioria, são grandes e pesados, como: machados, raspadores, facas furadores e pontas em forma de folha que apresentam lascamento nas duas faces. Os grupos humanos (anteriores ao nosso índio) responsáveis, por esta tradição eram caçadores e coletores que viviam em grutas ou em sítios abertos à beira dos rios, conheciam o fogo e não possuíam escrita. "Seriam entroncados com a família do Homo Sapiens, do grupo mongolóide, que surgiu logo após o Homem de Neandertal" (Thomé, 1981, p.17).

- Tradições Pontas de Flecha: Foram encontradas em todo o estado, porém, seus sítios são poucos numerosos e pertencem a mais de uma tradição. As pontas de flecha encontradas no litoral, por exemplo, possuem pedúnculos retos com bases entalhadas e as do interior, na área do Alto Vale do Itajaí, possuem pedúnculos expandidos com base côncava. Estas tradições não foram o suficientemente estudadas. (Beck, 1970)
- Sambaquis: Tradição típica do litoral brasileiro e catarinense. Sua datação pelo Carbono 14 revela uma antiguidade menor que as outras duas tradições pré-cerâmicas. Estes importantes sítios arqueológicos foram construídos por povos pescadores e coletores de moluscos que em número bastante significativo, a julgar pela quantidade de sítios descobertos, habitaram nosso litoral. Nestes casqueiros, além de conchas encontram-se numerosos artefatos de pedra e de osso, restos ósseos humanos e, nas mais recentes, utensílios cerâmicos. Nestes restos, de grande valor arqueológico, destacam-se as peças zoomorfas, os chamados zoólitos, esculturas em pedra polida, confeccionadas em diabásio na forma de peixes ou de aves. Estas peças também foram encontradas no meio oeste catarinense (Thomé, 1981) e a sua procedência ainda é motivo de especulações. Já em 1950 o Pe. Rohr levantava as diversas hipóteses ao seu respeito. Na época, este mesmo pesquisador mencionava que alguns autores consideravam os zoólitos como produto dos antepassados do homem do "sambaqui". Antepassados estes, que teriam vindo da zona andina expulsos por um poderoso invasor. Os zoólitos seriam de exclusivo uso cerimonial e remanescentes de uma cultura de grau mais elevado que, na sua peregrinação para o leste, degenerou-se. Rohr ponderava que outros autores preferiam opinar que os zoólitos teriam sido obtidos pela permuta de mercadorias com povos mais adiantados da área andina. Outro ponto controverso é a origem das inscrições rupestres ou itacoiataras que se encontram tanto no litoral como no interior. Estes petroglifos não foram descifrados nem se sabe ao certo se foram feitos por povos pré-cerâmicos ou por povos ceramistas; possivelmente sejam de origem Tupi-Guarani (carijó) os da Ilha de SC e os do planalto prove-

nham dos povos do grupo Gê (Rohr, 1983).

Cronologicamente mais recentes, encontram-se em certos pontos da costa vestígios de grupos ceramistas superpostos aos "sambaquis".

Período Cerâmico: A principal característica deste período é a utilização de uma tecnologia mais avançada na fabricação dos instrumentos e a introdução ou a invenção da cerâmica.

A técnica da cerâmica consistia na modelagem de roletes de barro que eram colocados uns sobre os outros e rejuntados, no formato da peça. O acabamento interno e externo era feito a mão, ou com seixos ou folhas de algumas plantas. Às vezes, os recipientes eram decorados plasticamente sob a forma de pontos, traços ou, então, pintados. As peças sem decoração alguma são denominadas do tipo simples. Uma vez concluídas, eram colocadas a secar e depois eram queimadas em buracos feitos no chão ou em fornos. (Beck, 1970).

Este período é bem recente entre 800 e 1.700 desta era (ibidem). Encontram-se vestígios tanto no litoral como no planalto na forma de duas tradições: a guarani, de recipientes de tamanhos diversos com finalidades não apenas utilitárias, diferentes tipos de decoração e a tradição não-guarani de recipientes pequenos e essencialmente utilitários.

Os povos do período ceramista corresponderiam já aos grupos indígenas encontrados à época da descoberta do Brasil. Assim, os povos coletores no estágio agrícola que se localizavam no litoral e nas margens dos grandes rios como o Uruguai e seus afluentes principais, pertenceriam à tradição tupi-guarani, ao passo que os núcleos menores encontrados mais ao interior, corresponderiam à tradição não tupi-guarani ou Tapuias - Grupo Gê - (Piazza, 1979).

Os grupos humanos destas duas grandes tradições podem ser considerados como os representantes étnicos da proto-história catarinense.

pre-história

Quadro Arqueológico Catarinense

Os estudos científicos, dentro da arqueologia pré-histórica catarinense (caracterizados pela adoção de metodologias próprias de escavação, coleta, análise, descrição, interpretação e publicação sistemática), foram propiciados pelos esforços do Prof. Walter Piazza e do Pe. João Alfredo Rohr.

Apesar de exigüidade de dados arqueológicos disponíveis, uma vez que os mesmos, na sua grande maioria, provêm dos "sambaquis" do litoral, enquanto que, as grutas e abrigos sob rochas tem sido menos estudados, o Prof. Piazza e outros pesquisadores conseguiram estabelecer uma primeira seqüência arqueológica para o estado, dividida em fases pré-cerâmicas e fases ceramistas.

As fases a seguir desenvolvidas, baseiam-se, pois, no resumo analítico sintético elaborado pelo Prof. Piazza (1983).

FASES PRÉ-CERÂMICAS

Tamanduá: Situada no contexto cultural "alto-paranaense", ao longo do rio Uruguai. Denominados, na região, de "barreiros" (decomposição de basalto e areias produzida pelas enchentes) sobre os quais se localizam sítios cerâmicos da tradição Tupi-Guarani ou não. Três sítios foram escavados ali: dois pelo Pe. Rohr e um pelo Prof. Piazza. É preciso desenvolver e aprofundar pesquisas para se obter mais dados a respeito e correlacioná-los com as outras culturas. Seus vestígios arqueológicos são artefatos de "arenito fritado" (diabásio vermelho endurecido), predominando os raspadores.

Itajaí: "Sambaqui" de cultura mais antiga no estado até o momento. O único sítio foi pesquisado pelo Prof. Piazza. Caracteriza-se por instrumentos semipolidos e lascados. Datação pelo Carbono 14 3.280 ± 350 a.C.

Acaraí: Cultura de "Sambaquis" situados ao longo do litoral norte e central. No litoral norte foram cadastrados 55 "Sambaquis" (Piazza, 1966). Na sua maioria são sítios-habitação e/ou sítios-cemitério. Em alguns há variedade na indústria lítica (de núcleos e de lascas, semipolidas e polidas). Acharam-se figuras zoomorfas e antropomorfas talhadas em granito e diabásio.

Os sambaquis do litoral central, até 1983 arrolados, eram em número de 14 (quatorze).

Garopaba: Construída por 55 "sambaquis" no litoral sul de Santa Catarina. Apresenta as mesmas características geomorfológicas e culturais que a fase ACARAÍ. Datação pelo Carbono 14- 1.420 ± 150 a.C. a 1.240 ± 95 a.C. (pesquisa de HURT apud Piazza, 1983).

Suruvi: Parece preceder à tradição Tupi-Guarani ou ser contemporânea dela, no curso médio do rio Uruguai. Constituído por dois sítios-oficina. Antigüidade estimada: 500 a.C.

Cotia: Apresenta o tipo de sítio arqueológico "Casa subterrânea" ou "buraco de bugre". Foram pesquisados 62 sítios nos Campos de Lages que apresentaram artefatos lascados ou semipolidos de granito ou basalto. Antigüidade estimada: 3.000 a.C.

Urubici: Nas grutas e abrigos sob rochas localizados nas nascentes dos rios Canoas, Lavatudo e formadores do rio Pelotas, na região dos Campos de Lages. Datação pelo Carbono 14 : 1.040 ± 200 a.C. (Piazza, 1985).

Itaió: Esta fase encontra-se tanto no Vale do Itajaí como no Planalto de Canoinhas em duas grutas e dez "sítios-oficina". Nestes "sítios-oficina" se identificaram pontas de flecha de aletas com pedúnculo.

FASES CERÂMICAS

São identificadas como pertencentes a Tradições Regionais ou locais (Xaxim, Ibirama, Araquari e Piraí) ou como pertencentes à Tradição Tupi-Guarani de abrangência nacional alinhada em três subtradições: a pintada (ainda não identificada), a corrugada (Mondaí, Itá, Jurerê, Irapocu e Guaiúba) e a escovada (Ipira).

Tradições Regionais

Xaxim: Com ampla área de dispersão regional. Em treze sítios, é dominante o tipo simples, porém apresenta cerâmicas decoradas plasticamente: Xaxim inciso, Xaxim Ponteadado, Xaxim ungulado, Xaxim pinçado e Xaxim inciso ungulado. Os restos pertencem a grupos humanos pouco sedentarizados que mantinham contatos com outros de tradição regional e mesmo de tradição Tupi-Guarani. No planalto catarinense, esta fase é contemporânea com a fase Ibirama e a fase Mondaí. Datação pelo Carbono 14 entre 1.620 ± 90 a.C. e 975 ± 95 a.C. (Piazza, 1983).

Ibirama: Num total de dois sítios no vale do rio Itajaí apresenta poucos restos cerâmicos, predominando o tipo simples associado ao tipo decorado: Ibirama decorado. Esta fase ainda não foi datada.

Araquari: Assemelha-se à fase Ibirama, totalizam 4 sítios arqueológicos, onde os restos cerâmicos pertencem ao Araquari simples e Araquari branco, Araquari vermelho e Araquari ungulado (este último produto talvez de contatos com outro povo ceramista). Datação pelo Carbono 14: 1.342 ± 100 a.C. (Braian, apud Piazza, 1983).

Piraí: São sítios-habituação e/ou sítios-cemitério do litoral norte sobrepostos aos sambaquis. Ocorrem neles a cerâmica de tipo Piraí simples, Piraí Pintado e o Piraí branco sobre o vermelho com intrusão tupi-guarani. Não se obteve datação nesta fase.

Tradição Tupi-Guarani:

- Subtradição corrugada

Itapocu: Situada no litoral norte num sítio-habituação e noutro sobreposto a um "Sambaqui". Apresenta os tipos: Itapocu simples e os decorados: Itapocu corrugado, Itapocu pintado, Itapocu vermelho, Itapocu ungulado e Itapocu escovado em zonas. Não há datação nesta fase.

Jurerê: Situada na ilha de Santa Catarina e pesquisada em três sítios-habituação e sítios-cemitério. Apresenta o tipo Lagoa simples e ainda o Lagoa pintado. Ocorreram, nesta fase, urnas funerárias. Datação pelo Carbono 14, de 1.400 ± 70 a.C.

Guaiúba: Encontrada em 20 sítios-habituação do litoral sul catarinense. Acharam-se alguns restos de urnas funerárias.

Ocorre o tipo Guaiúba simples e os decorados: Guaiúba corrugado, ungulado, pintado e, corrugado-ungulado. Não há datação radiométrica.

Mondaí: Os sítios representativos desta fase-localizam-se nas margens do rio Uruguai ou seus afluentes. São sítios-habituação e/ou sítios

tios-cemitério. Predominam as urnas funerárias com bordas de formas variadas, manufaturadas pelo método de "roletes" ou acordelados. Seu tipo simples denominou-se Mondai simples e os cacos cerâmicos de oxidação incompleta e espessura maior a 2 mm, chamou-se Xapecó simples. A cerâmica decorada denominou-se Mondai ou Xapecó corrugado, ungulado, digitungulado e pintado. Datação pelo Carbono 14, entre 1.460 ± 70 a.C. (Pesquisa Piazza).

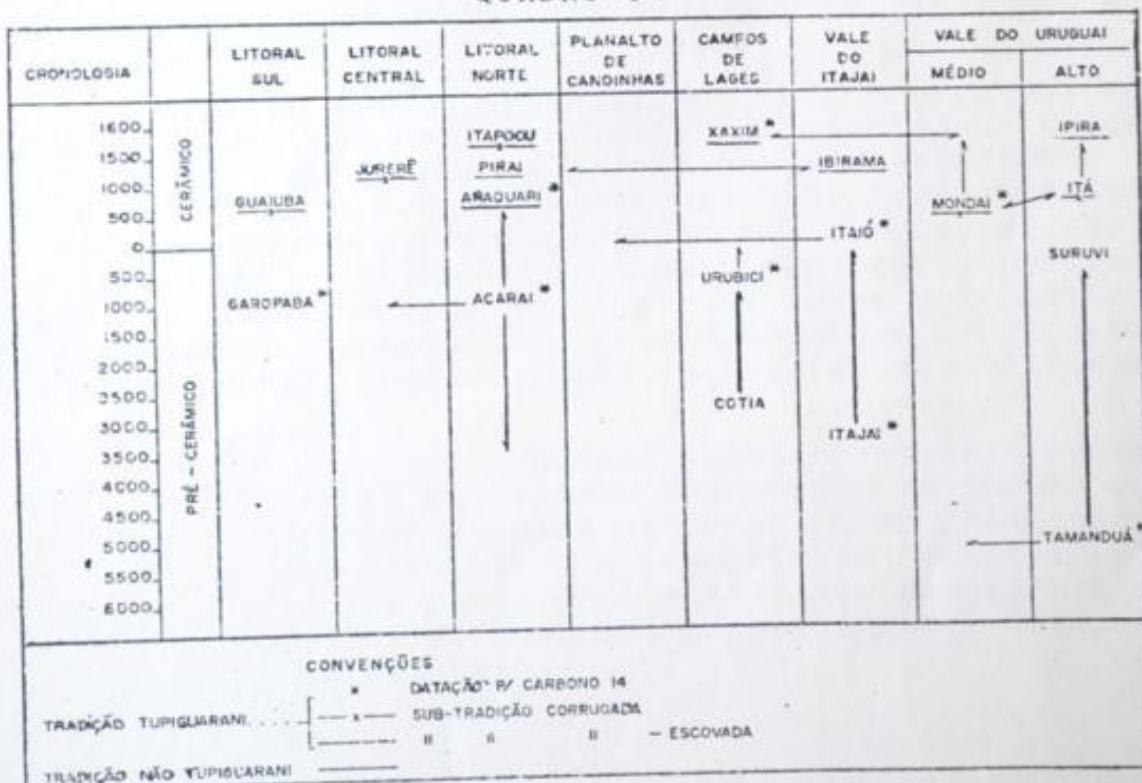
Itá: Os sítios-habitação e sítios-cemitério desta fase, localizaram-se na foz do rio Irani ou nos trechos navegáveis dos principais afluentes do rio Uruguai e nas próprias margens deste rio.

O tipo simples da cerâmica desta fase foi denominada Itá simples e as decoradas: Itá e Uvá corrugado e escovado e Itá ungulado, inciso, nodulado e pintado. Os restos achados se apresentam em diversos tamanhos desde vasilhames em miniatura até grandes urnas funerárias. Datação pelo Carbono 14: 1.360 ± 100 a.C. (Brian apud Piazza, 1983).

- Subtradição escovada

Ipira: Os dez sítios também estão localizados nas margens do rio Uruguai e na confluência com o rio Irani. A cerâmica desta fase são vasilhames utilitários e recipientes funerários. O tipo simples denominou-se Ipira simples e os decorados: Ipira ou Navegantes escovado, corrugado, raspado, pintado (e seus subtipos), Ipira ungulado, inciso e Navegantes vermelho. Esta fase, ainda não possui datação radiométrica.

QUADRO 04



Fonte: PIAZZA (1985, p.68)

AS CULTURAS PRÉ-HISTÓRICAS NA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

Estima-se que dez mil anos atrás, as primeiras populações pré-históricas penetraram na região sul do país, pela Bacia do rio Paraná e seus afluentes, tendo atingido "o Estado de Santa Catarina ao subir o rio Iguaçu e o rio Uruguai, espalhando-se pelo planalto, vindo depois a atingir a costa atlântica". (Thomé, 1981, p.14).

A ocupação do oeste catarinense seria a mais antiga do estado:

"A bacia hidrográfica do rio Uruguai constitui num dos mais importantes focos de penetração e movimentação de grupos humanos pré-históricos, apresentando remanescentes culturais do paleoíndio (culturas anteriores ao holocênico) até o descobrimento do Brasil". (Goulart, 1983, p. VI).

Durante essa época e as seguintes a região foi ocupada por grupos de caçadores-coletores e posteriormente por grupos agricultores semi-sedentários. Os vestígios arqueológicos regionais identificados e sistematicamente analisados, permitiram caracterizar dois complexos culturais: o pré-cerâmico e o cerâmico.

Os artefatos da indústria lítica caracterizam-se pela ocorrência de lâmina de machado, lascas, seixos, pontas de flecha. A fase cerâmica compreende as tradições Taquara e Tupi-Guarani. A cerâmica Taquara é típica dos índios do planalto e uma das mais antigas para o sul do Brasil. No oeste de Santa Catarina tem sido encontrada junto a alguns afluentes do rio Uruguai. Ao passo que a tradição Tupi-Guarani tem sido encontrada às margens do rio Uruguai.

O número de sítios arqueológicos, até o presente arrolados, é bastante elevado, mas não representa sua totalidade e apesar mesmo do impulso dado graças às pesquisas via UFSC-ELETROSUL existem trechos do próprio Rio Uruguai que ainda não foram investigados. A este respeito, provoca preocupação o fato de que, se não se agilizarem os trabalhos científicos na área, terminem se perdendo irremediavelmente os remanescentes culturais de nossa pré-história. Perigo este detectado e denunciado pela coordenadora do Projeto Arqueológico Uruguai, Prof. Goulart (1983, p.VII) quando afirmava:

"Nessas áreas os sítios arqueológicos estão sujeitos a depredação constante que pela ação de agentes naturais, como pela ação do homem que ignorando a importância desses locais, como única fonte de conhecimento da pré-história brasileira, destroem os vestígios arqueológicos lá existentes".

RELAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

1) Município de Itapiranga

Os sítios deste município foram escavados em 1966 pelo Pe. Rohr e a relação a seguir baseia-se em publicações de 1983.

ITAPIRANGA 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Localizado na Sede Capela, em terrenos do Colégio Agrícola. Numa área de 1.500 m² "encontram-se esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica de tradição guarani, dos tipos lisa, corrugada, ungulada, pintada..." (Rohr, 1983, p.153).

ITAPIRANGA 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Localizado em terrenos do Colégio Agrícola na encosta do morro a 100 metros do Rio Uruguai numa área de 600 m², encontram-se vestígios similares aos do sítio anterior.

ITAPIRANGA 3. Sítio Cerâmico Guarani.

Também localizado em terrenos do Colégio Agrícola, encontram-se cacos de cerâmica guarani, inclusive uma urna funerária.

ITAPIRANGA 4. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Nas margens do Rio Uruguai, em terrenos de Ervino Spies, sobre área de 20.000 m², encontram-se cacos de cerâmica guarani, inclusive 2 urnas contendo esqueletos. A quatro metros de profundidade, acham-se raspadores e facas cortantes de diabásio.

ITAPIRANGA 5. Sítio Cerâmico Guarani

Na desembocadura do Riberão Terezinha no Rio Uruguai, em terrenos de Afonso Spies, encontraram-se numerosos cacos de cerâmica.

ITAPIRANGA 6. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao rio Uruguai, em terrenos de Silvério Barian e Alfredo Schorr. A cerâmica de tradição guarani e lascas de ágata e quartzito profunda até 2 metros. A oito metros de profundidade, "encontram-se artefatos de fogueiras da cultura alto-paranaense, que foi datada, até sete metros e trinta centímetros pelo Carvão 14, em oito mil, seiscentos e quarenta anos de idade". (Rohr, 1983 p.154)

ITAPIRANGA 7. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do rio Macaco Branco, no rio Uruguai, em terrenos de Wilibaldo Stulp e Inácio Welter. É um sítio extenso: 40.000 m² e rico em material arqueológico cerâmico e pré-cerâmico.

ITAPIRANGA 8. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Linha Baú em terrenos de Walter Buss. O dono encontrou uma funerária com esqueleto de criança com bracelete de pedras perfuradas e numa vasilha menor, um machado semilunar polido. Este tipo de machado parece não pertencer à cultura Guarani, é raro no nosso estado. (Ver figura 02)

ITAPIRANGA 9. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Baú, na Linha Baú em terrenos de Edgar Paulus, encontraram-se ossos trabalhados e cerâmica. O dono informou que foram quebrados mais de trinta urnas funerárias no transcorrer dos anos.

ITAPIRANGA 10. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Baú, encostado na desembocadura do Rio Macaco Branco no rio Uruguai, em terrenos do Ministério da Agricultura. Área de 75.000 m², manchas escuras no solo com carvão vegetal e cerâmica.

ITAPIRANGA 11. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Santa Teresinha, em terrenos de Waldemar Fuchs.

ITAPIRANGA 12. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Baú, em terrenos de Lauro Giehl e Germano Rabuske.

ITAPIRANGA 13. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Laranjeiras, junto a um arroio, em terrenos de Agostinho Selm. O dono informou que durante vinte anos de lavou o arado quebrou inúmeras urnas funerárias.

ITAPIRANGA 14. Sítio Cerâmico Guarani.

Próximo ao Arroio Laranjeiras, em terrenos de Augusto Simon. Além de cerâmica foi encontrado machado de diabásio polido.

ITAPIRANGA 15. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Santa Fé em terrenos de Vítor Reis. Na barreira da Olaria encontra-se farto material lítico muito cortante da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 16. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

No Arroio Dourado, em terrenos de Libório Burth: sítio sem prospecção exaustiva.

ITAPIRANGA 17. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Sede Capela, em terrenos de Bruno Berwanger a 1 Km do Rio Uruguai. Foi escavada grande urna funerária que está exposta no Museu do Homem do Sambaquí (Florianópolis).

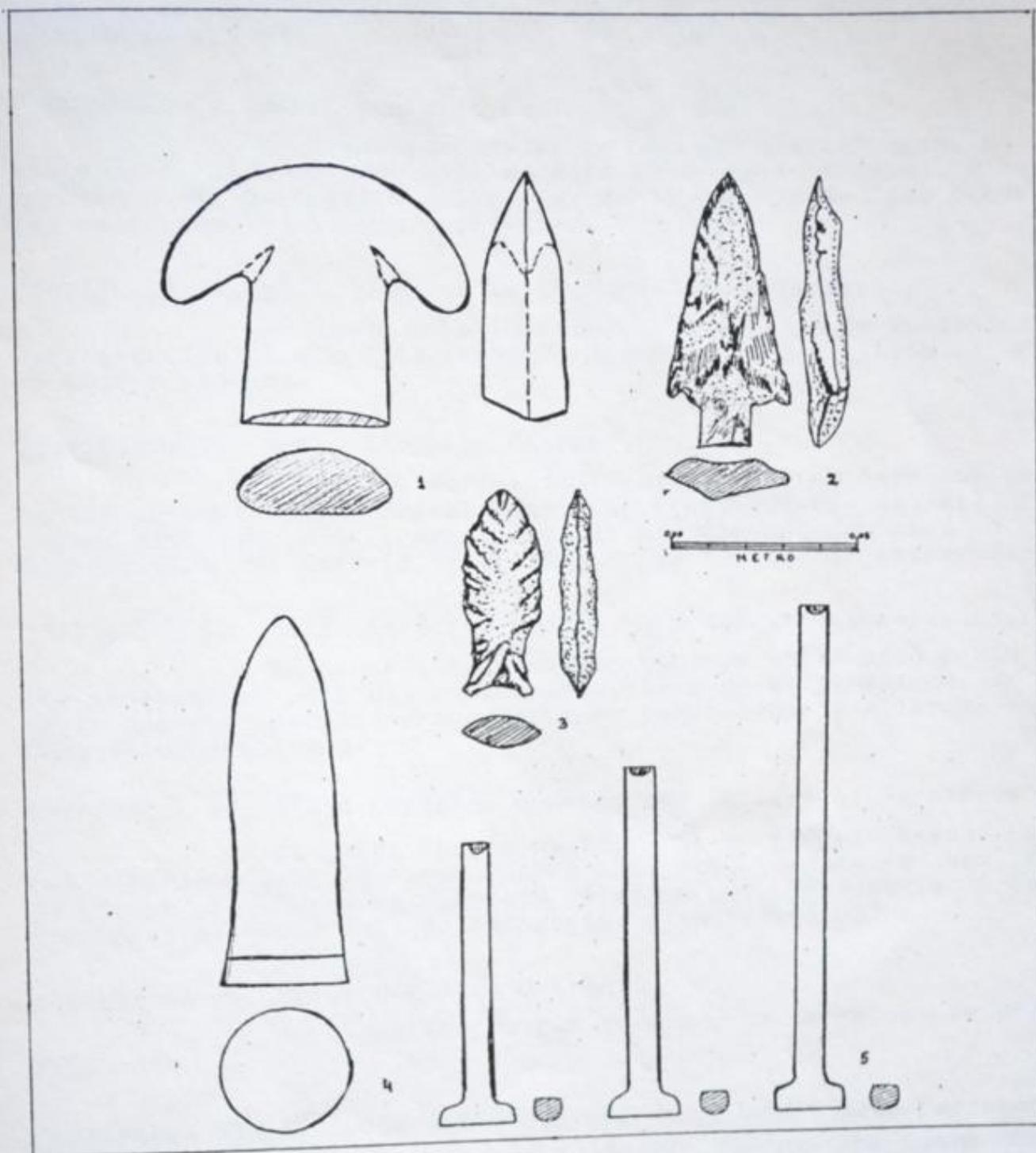


Figura 02: 1 - machado semi-lunar (SC-U-8); 2 - ponta de flecha; 3 - ponta de flecha, apresentando semelhança com "El Inga" (SC-U-23); 4 - piteira ou cachimbo de barro cozido; 5 - tembetás (SC-U-45).

Fonte: PESQUISAS (1966, p. 56)

ITAPIRANGA 18. Sítio Cerâmico Guarani.

Na desembocadura do Arroio Fortaleza, em terrenos de Bruno Berwanger. Não se fez prospecção exaustiva. O dono retirou ur na funerária.

ITAPIRANGA 19. Sítio Cerâmico de Tradição Guarani.

Na desembocadura de um córrego dos terrenos de Clemente Schönhalls na sede Capela. Além de urnas funerárias, o dono encontrou uma espingarda antiga, da época da invasão dos bandeirantes paulistas às missões jesuíticas.

ITAPIRANGA 20. Sítio Oficina de Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Jaboticabeira, em terrenos de Wunibaldo Kozler, pedra de diabásio vermelho que foi oficina lítica da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 21. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Fortaleza (Sede Capela) em terrenos da viúva Ulrich Neffe foram desenterradas 10 urnas funerárias. Até 1966, a área não tinha sido lavrada, apenas ajardinada, por isso o Pe. Rohr admitia que deveria haver mais urnas funerárias enterradas.

ITAPIRANGA 22. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu em terrenos da viúva Jacó Barth acharam-se machados polidos, contas de colar e cacos cerâmicos da tradição guarani associados com machados bumerangóides e lascas da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 23. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu em terrenos de Aloísio Deves. Amadores retiraram umas 10 urnas funerárias. Achou-se também uma ponta de flecha pisciforme da diabásio vermelho que pertenceria à cultura "El Inga" da Gruta Fell da Patagonia. (Ver figura 03)

ITAPIRANGA 24. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu num córrego, em terrenos de Orlando Pila.

ITAPIRANGA 25. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do Arroio Vitória, na Linha Chapéu, em terrenos de Breno Barth. Foram encontrados pelo oleiro "grande número de artefatos cortantes de diabásio, os quais, por serem muito cortantes e uma ameaça para os pés dos transseuntes, foram jogados no Rio Uruguai" (Rohr, 1983, p. 159).

ITAPIRANGA 26. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Vitória, em terrenos de Albano Hahn, apareceram urnas e grande quantidade de cacos.

ITAPIRANGA 27. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu em terrenos de Aloísio Deves, sítio de pequenas dimensões.

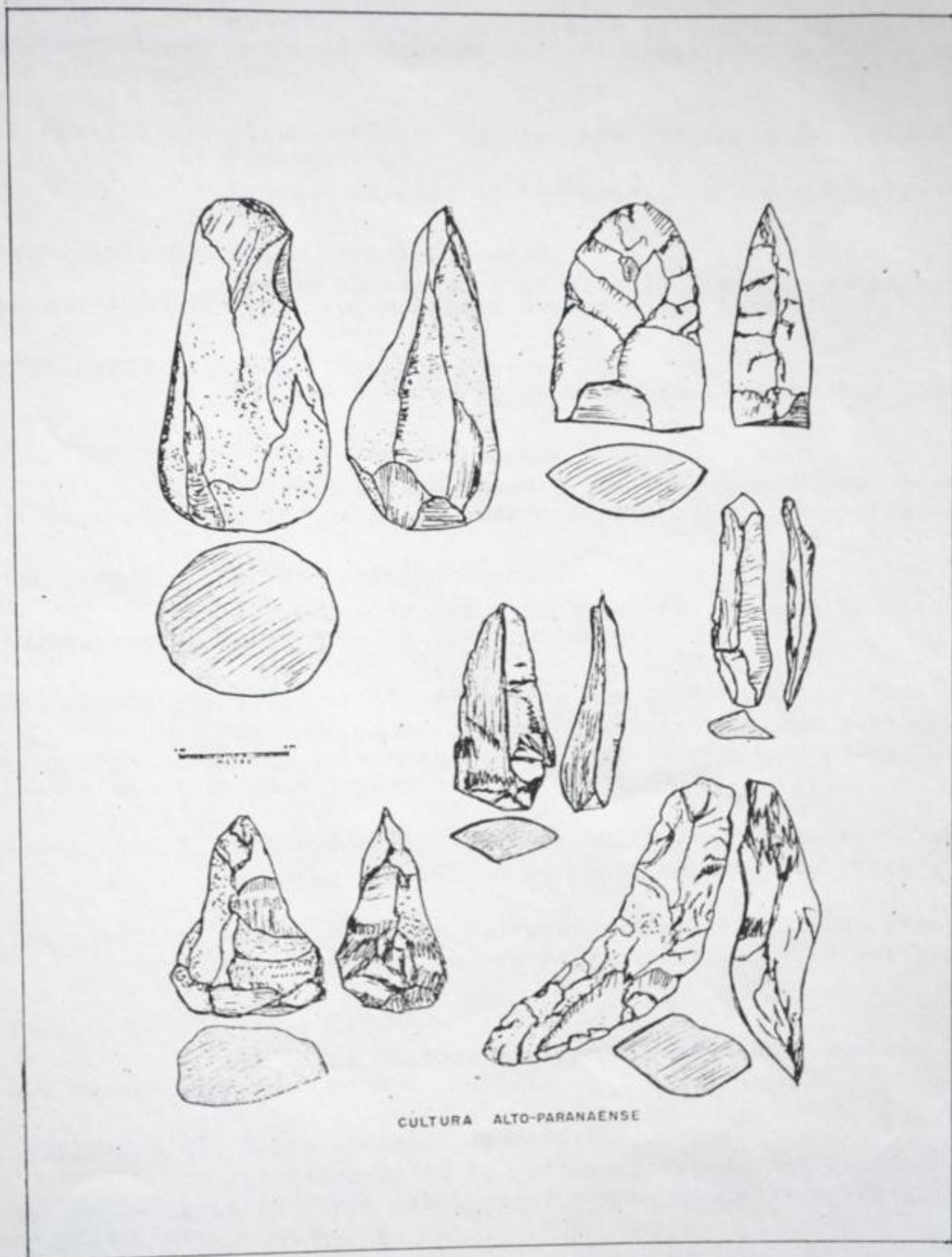


Figura 03: Implementos de tipo Alto-Paranaense
 Fonte: PESQUISAS (1966, p.57)

ITAPIRANGA 28. Sítio Cerâmico Guarani com vestígios de Cultura Alto Paranaense.

Na Sede Capela em terrenos de Ângelo Dellagostinho encontraram-se cacos de cerâmica Guarani associados a alguns artefatos alto-paranaense.

ITAPIRANGA 29. Sítio Cerâmico Guarani com vestígios de Cultura Alto Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Aloisio Schäfer.

ITAPIRANGA 30. Sítio Cerâmico Guarani.

Também em terrenos de Aloisio Schäfer, acham-se esparsos cacos de cerâmica e lascas cortantes de ágata.

ITAPIRANGA 31. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Sede Capela, em terrenos de José Telavid.

ITAPIRANGA 31. Sítio Cerâmico Guarani.

A 500 m do Rio Uruguai, na Sede Capela, em terrenos de Bernardo Arnhold, cacos de cerâmica alforavam na superfície.

ITAPIRANGA 33. Sítio Cerâmico Guarani.

A 1.500 m do rio Uruguai em terrenos de Bernardo Arnhold, enorme quantidade de cacos cerâmicos.

ITAPIRANGA 34. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Bernardo Schönhals, encontraram-se cerâmicas e machados polidos da tradição guarani, associados com artefatos lascados Alto-Paranaense.

ITAPIRANGA 35. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Atalibio Ritter.

ITAPIRANGA 36. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu, em terrenos da viúva Jacob Barth.

ITAPIRANGA 37. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu, em terrenos de Inácio Poersch, cacos de cerâmica e um machado polido.

ITAPIRANGA 38. Sítio Cerâmico Guarani.

Em terrenos do Pe. Adolfo Friedrich na desembocadura do Arroio Santa Fé foram encontradas urnas, machados polidos, mão de pilão, etc.

ITAPIRANGA 39. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do Arroio Santa Fé em terrenos de João Schmitz, encontraram-se esparsas manchas escuras no solo com carvão vegetal e artefatos de uma e outra cultura pré-histórica.

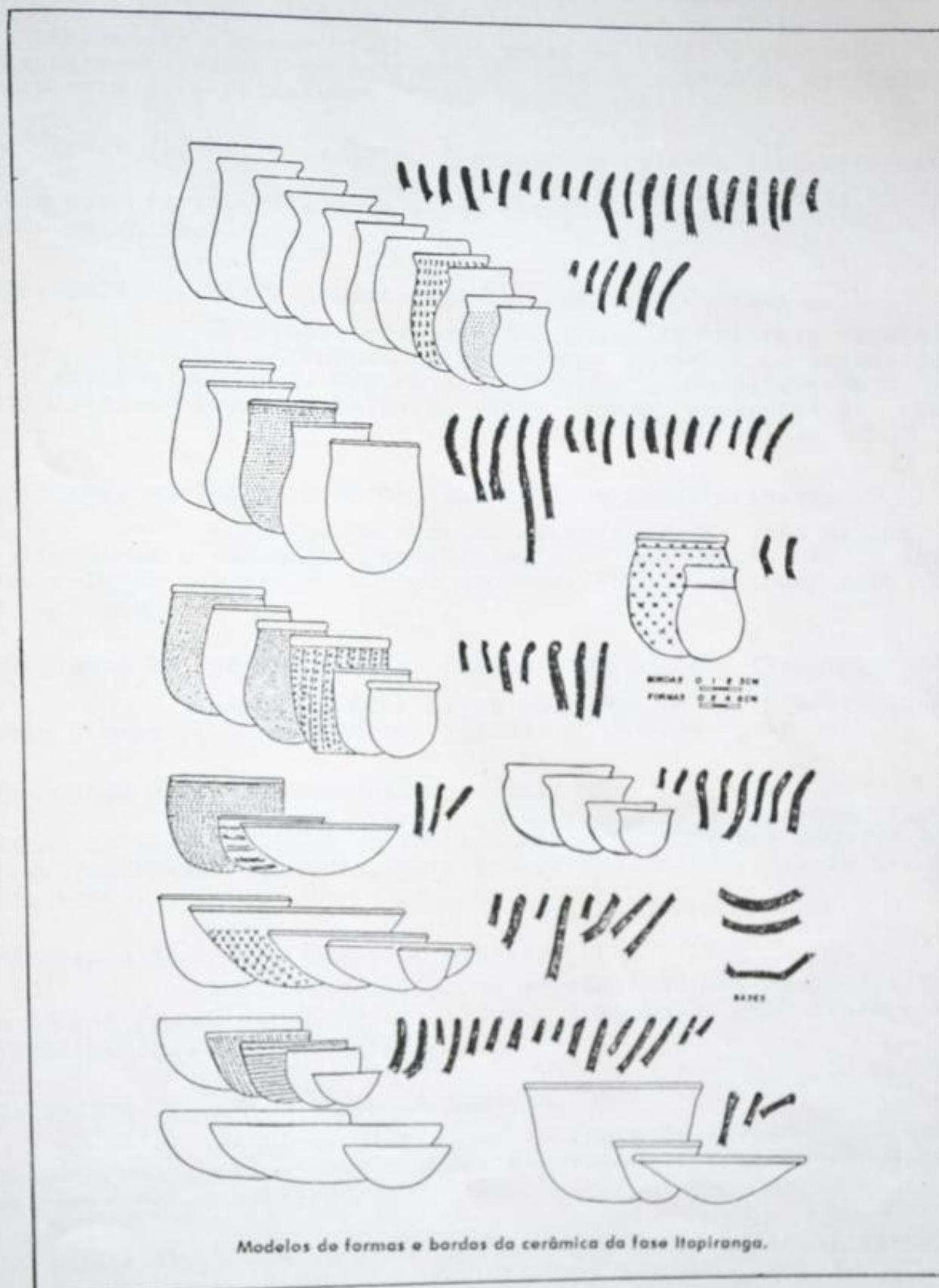


Figura 04: Modelos de formas da cerâmica da fase Itapiranga
 Fonte: PESQUISAS (1985, p. 121)

ITAPIRANGA 40. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.
Na Linha Santa Fé, em terrenos de Wilibaldo Wolfabrt. Encontraram-se algumas urnas. Uma delas em 1966, o Pe. Rohr dizia "encontra-se exposta no terreiro da casa do sitiante, servindo de recipiente para folhagens". (Rohr, 1983, p.162).

ITAPIRANGA 41. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.
Na Linha Santa Fé, em terrenos de Bertoldo Wolfalvt. Sítio que oferece restos de ambas culturas, porém foi muito trabalhada pela lavoura.

ITAPIRANGA 42. Sítio Arqueológico de tradição Guarani.
Na localidade de Ervalzinho, em terrenos de Oto Lauschner. O sitiante encontrou na superfície centenas de contas de pedras azuis e verdes na "estrada dos bugres" além de outros vestígios guaranis (oito tembetás de pedra branca, pingentes de pedra, etc.).

ITAPIRANGA 43. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.
Na Linha da Glória, em terrenos de João Antonio Guarianti e Pedro Tomazi na desembocadura do rio Peperi. As informações referem que grande número de urnas foram quebradas pelo arado do agricultor.

ITAPIRANGA 44. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.
Na Linha Glória, em terrenos de Toribio Rodrigues e Romeu Franke. O arado destruiu grande número de urnas.

ITAPIRANGA 45. Sítio Cerâmico Guarani.
Na Linha Glória, em terrenos de Albino Rodrigues Oliveira, na desembocadura do Peperi. Pe.Rohr admitia que pudesse haver urnas funerárias intactas, pois o terreno, em 1966, ainda não tinha sido arado.

ITAPIRANGA 46. Sítio Cerâmico Guarani.
Na Linha Glória, em terrenos de Eribes Jones, a 1,5 Km do rio Peperi. O terreno foi pouco trabalhado pelo arado, podem existir mais urnas funerárias.

ITAPIRANGA 47. Sítio Cerâmico Guarani.
Na Linha Glória, em terrenos de Avelino dos Santos, encontraram-se alisadores e cacos de cerâmica. Poderão ser encontradas ainda urnas intactas.

ITAPIRANGA 48. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.
Na Linha Glória, em terreno de Samuel Freitas. "O sitiante, à semelhança do povo em geral da região, anda com a cabeça cheia de idéias vagas de tesouros dos jesuítas, decorrentes da proximidade da região missioneira". (Rohr, 1966; 1983).

ITAPIRANGA 49. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.
Na Linha Glória, em terrenos de João Borba, encontraram-se restos guaranis associados a vestígios alto-paranaenses.

Uma série de urnas foram quebradas sistematicamente por um agregado do dono das terras em busca de tesouros.

ITAPIRANGA 50. Sítio Cerâmico Guarani, com Cultura Alto-Paranaense. Também na Linha Glória, em terrenos de Ervino Hahn.

ITAPIRANGA 51. Sítio Cerâmico Guarani associado à cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Baú, em terrenos de Miguel Faht, sítio rico e pouco destruído pelo trator (1966).

ITAPIRANGA 52. Sítio Cerâmico Guarani associado à Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Pacífico, do lado de um córrego no rio Peperi-guaçu, em terras de Miguel G. Alves de Oliveira.

2) Município de Mondai

MONDAÍ 1. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Ervas, na desembocadura de um córrego no Rio Uruguai, em terras de Reinaldo Krein. Em área de 30.000 m² encontram-se esparsas manchas escuras no solo com carvão vegetal, cacos de cerâmica guarani e artefatos alto-paranaenses. Foram retirados três vasos de cerâmica, um tinha ossadas.

MONDAÍ 2. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na localidade de Castros, em terras de José e Afonso Gabriel. Entre numerosos vestígios de ambas culturas, os donos entregaram ao Pe. Rohr uma urna que durante quarenta anos foi usada como vaso de folhagens.

3) Município de Caxambú do Sul

Os três sítios a seguir relacionados, foram pesquisados pelo Pe. Rohr, em 1968 e publicados em 1983.

CAXAMBÚ DO SUL 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, sobre o Rio Uruguai, em terras de Renato de Oliveira Ramos. Foram encontrados cacos de cerâmica, dois tambetás e o sitiante quebrou cinco urnas com o arado.

CAXAMBÚ DO SUL 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, encostado no rio Uruguai em terrenos de Osvaldo Stobi. Além de pontas de flecha, "a numerosos cacos, o dono relata ter quebrado com o arado mais de uma dúzia de urnas, servindo como vasos de folhagens"... (Rohr, 1983, p. 166)

CAXAMBÚ DO SUL 3. Sítio de Sinalizações Rupestres.

Na localidade de Volta Grande, a 2 Km do rio Uruguai, em terras de Waldemar Marafen. Num lajeado de diabásio de 10 m² vem-se inscrições rupestres na forma de desenhos de mãos, pés e animais estilizados. "Caçadores de tesouro dinamitaram a rocha, a brindo um poço de dez metros de profundidade". (Rohr, 1983, p. 166)

4) Município de Águas de Chapecó

Também pesquisado em 1968 pelo Pe. Rohr e publicado em 1983.

ÁGUAS DE CHAPECÓ 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Lampari, encostado ao Rio Chapecó, em terras de Virgílio Carboni, encontraram-se manchas pretas com correção vegetal, restos cerâmicos e dentro de urnas funerárias foram achadas três pingentes de zoolito branco.

5) Município de São Carlos

Pesquisado em 1968 pelo Pe. Rohr, publicação de 1983.

SÃO CARLOS 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Encostado ao rio Chapecó, em terras de Balduino Schmitz. Além de carvão vegetal, conchas fluviais, cacos de cerâmica e flechas de sílex, encontraram-se 3 (três) urnas com restos ósseos humanos.

SÃO CARLOS 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Na desembocadura do Rio Chapecó no Rio Uruguai em terrenos de José Serafim Margen. "O sitiante, ao lavrar a terra, destruiu grande número de urnas funerárias, sem se preocupar em recolhê-las" (Rohr, 1968: 1983 p. 167).

SÃO CARLOS 3. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao Rio Uruguai, em terrenos de Angelo Piccini encontraram-se cacos, vasilhas, urnas de cerâmica Guarani e a 5 m de profundidade, restos líticos alto-paranaense.

SÃO CARLOS 4. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao Rio Uruguai, em terrenos de Rich Lüdgar Schauer mann, encontram-se cerâmica guarani e instrumentos da cultura alto-paranaense. O dono encontrou uma urna com caveira humana.

6) Município de Chapecó

As notícias de onze sítios localizados no município de Chapecó foram extraídas do relatório intitulado "Projeto Arqueológicos no município de Chapecó" (1983) realizado pela equipe da Prof. Mari Landi Goulart da UFSC, em 1980, em convênio com a ELETROSUL e a própria Prefeitura de Chapecó.

Sete dos sítios identificados, localizam-se ao longo do rio Uruguai - Área 1 - (mapa 1) e quatro na área 2, estando três situados próximos ao rio Chapecó (mapa 2). Os do rio Uruguai recebem a sigla UU e os do rio Chapecó CH.

Estes sítios apresentam grande número de material cerâmico da tradição Tupi-Guarani.

Área 1 - Rio Uruguai

SC - UU - 01 - CLUBE REFÚGIO CAMPESTRE

Na Linha Cerne, na barranca do rio Uruguai a 200 metros da escola local e próxima à desembocadura de uma sanga.

Ocupa área pequena de 50 m X 50 m, na sua superfície encontrou-se grande quantidade de cacos cerâmicos e material lítico.

SC - UU - 02 - NÉLCIO DEL PIZZA

No Porto Chalana, a poucos metros do rio Uruguai. O sítio encontrava-se coberto por roça de milho com inço e os restos estavam na superfície.

SC - UU - 05 - ABÍLIO DAL PIVO

No Porto Chalana, a 200 metros de uma sanga e a 10 metros de uma lagoa. Sobre a mancha preta, o dono encontrou uma mão de pilão e a 200 metros, uma boleadeira: foram doadas à equipe da UFSC.

SC - UU - 06 - FRANCISCO VAILONES

Localizada em Cachoeira - Beira Rio, a 120 metros do Rio Uruguai. O sítio foi bastante destruído pela lavoura de milho. Apresenta cacos cerâmicos da tradição Tupi-Guarani.

SC - UU - 07 - SEBASTIÃO BONNES

Na Cachoeira - Beira Rio numa área de 2.000 m² a 150 metros do Rio Uruguai. O sítio foi localizado quando estava sendo feito um campo de futebol, quando a equipe chegou só haviam cacos de cerâmicas. No local cultivava-se também milho, feijão e soja.

SC - UU - 08 - ARAMI DANIELI

Na Cachoeira - Beira Rio perto do Rio Uruguai. Na área é feito o cultivo de soja e milho e os restos cerâmicos encontraram-se na superfície.

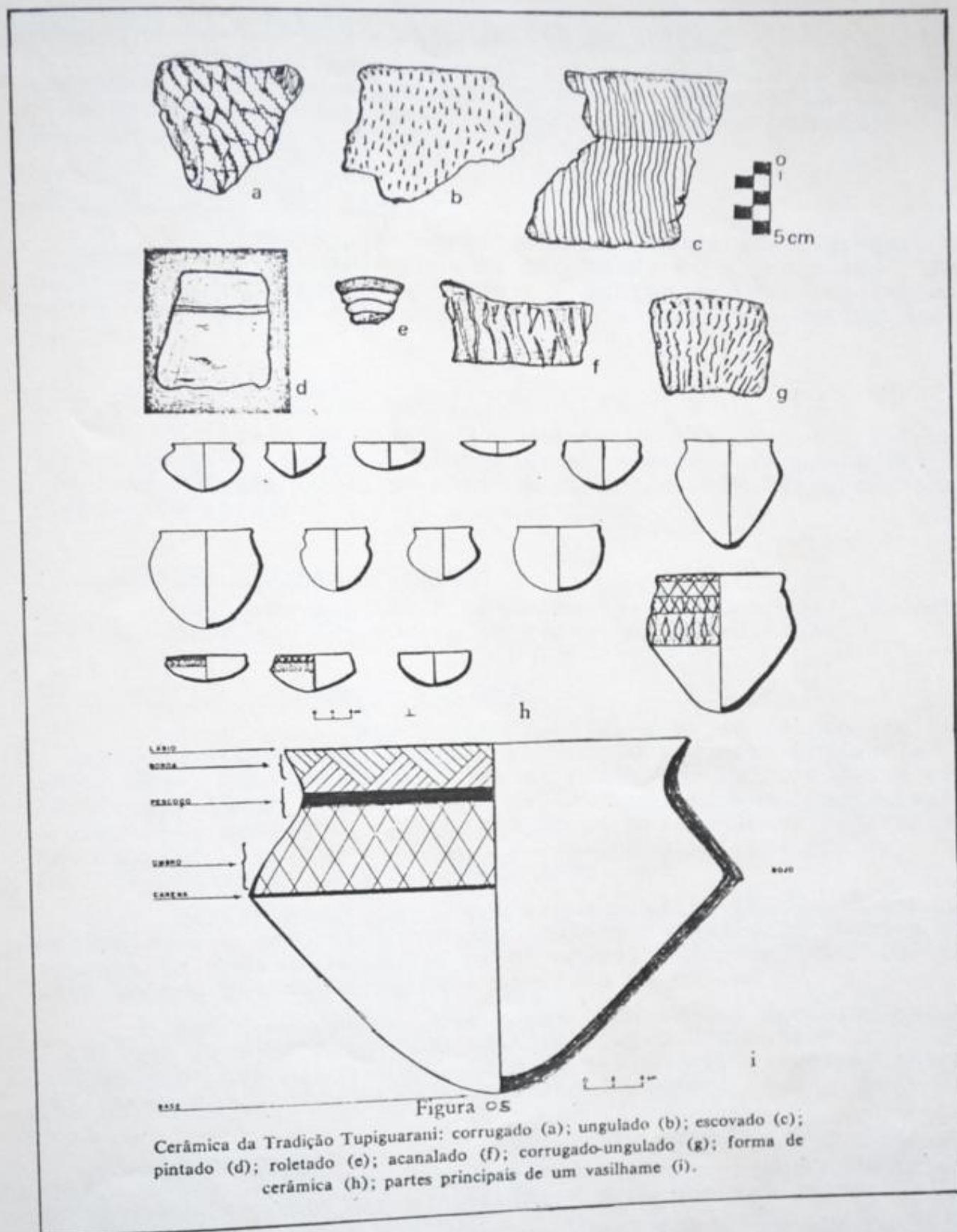


Figura 05: Cerâmica da Tradição Tupi-Guarani
 Fonte: RIBEIRO (1977, p.47)

Área 2 - Rio Chapecó

SC - CH - 03 - PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

Na localidade de Sede Figueira localizam-se galerias subterrâneas cilíndricas com quatro bocas de entrada, de um metro e meio de diâmetro, escavadas na rocha por grupos primitivos. Foram cadastradas pelo Pe. Rohr em 1979.

SC - CH - 04 - JOSÉ FIORI

Na Linha Espuma, próximo a uma sanga que desemboca no Rio Chapecó. Ocupa uma área onde há plantação de milho e soja. Foi cadastrado em 1978 pelo Pe. Rohr e a equipe da UFSC coletou mais material cerâmico. O solo é uma mistura de argila vermelha com terra escura.

SC - CH - 09 - ALCIDES MORATELLI

Na Linha Espuma, a 300 metros do Rio Chapecó. Existem vestígios de terra preta, o solo é areno-argiloso avermelhado: o sítio está próximo do SC CH - 10 e do SC CH - 04. Encontraram-se um recipiente cerâmico e dois machados.

SC - CH - 10 - JOSÉ COSTENARO

Na Linha Espuma, a 30 metros do Rio Chapecó, encontraram-se na superfície fragmentos da cerâmica Tupi-Guarani.

SC - CH - 11 - FRANCISCO VAILONES

Na Linha Cachoeira, Beira Rio, a 80 metros do Rio Uruguai. O relevo é acidentado, outrora revestido por mata araucária apresenta hoje, restos de plantação de milho. Em 1979, o arado fez que aflorassem cacos. A Prefeitura de Chapecó, tomando conhecimento da descoberta, solicitou a colaboração da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e a equipe da Prof. Goulart iniciou os trabalhos de escavação em setembro de 1980.

Delimitadas duas áreas arqueológicas (Mancha 1 e Mancha 2), procedeu-se a sua escavação sistemática por meio da técnica de de capagem. A área da Mancha 1 pelo seu valor arqueológico foi indenizada ao seu proprietário pelo prefeito da época.

Achou-se grande quantidade de material cerâmico afiliado à cultura Tupi-Guarani. Num total de 5.185 fragmentos, o 35,90% são do tipo corrugado-ungulado e 26,51% do tipo liso; os outros tipos cerâmicos apresentam uma ocorrência menor.

A espessura de maior frequência está entre 7 e 15 mm, tanto nas peças lisas como nas decoradas. Os fragmentos de maior espessura teriam sido urnas funerárias e/ou uso doméstico.

As urnas são de altura variável (de 40 cm até pouco mais de um metro). Deviam ser utilizadas para supultamento primário (o defunto era colocado na urna após a morte) ou bem para enterramento secundário (o morto era sepultado primeiro na terra e tempo depois seus ossos eram colocados na urna) de crianças e de adultos. Essa prática, "pode ter sido uma forma de satisfazer o desejo de dar aos mortos um sepultamento digno e respeitoso" ou então uma forma "de preservar os cadáveres da sua destruição imediata". (Goulart, 1983, p. 64).

Na época da publicação do relatório final dos trabalhos desenvolvidos no município, não se tinha datação deste sítio pelo Carbono 14. Estima-se, porém, pelas datações de sítios semelhantes, que a ocupação humana nesta área deu-se aproximadamente no ano 1000 de nossa era.

Os trabalhos de escavação deste sítio deveriam prosseguir ao igual que o levantamento ao longo de todo o rio Uruguai, pois a equipe da UFSC apesar de ter recebido informações sobre a existência de outros sítios, além dos já mapeados, não os visitaram, devido à exiguidade do tempo disponível.

DO RESGATE E DA NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO DE NOSSOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Como deve ter ficado claro ao longo deste trabalho, o espaço habitacional pré-histórico do oeste do estado, não tem sido, ainda, o suficientemente investigado permanecendo grande parte de seus vestígios desconhecidos. Porém, pior do que a falta de estudos científicos é o risco que se corre de perder valiosas fontes documentais da nossa pré-história:

"O processo de destruição de sítios arqueológicos no Rio Chapecó foi violento. A população local por falta de conscientização não tratou da sua preservação, ressaltando nas entrevistas que até alguns anos atrás os vestígios ainda eram abundantes. A utilização do trator na lavoura foi a principal causa dessa destruição e sempre haverá esta lacuna no conhecimento da pré-história de Chapecó" (Goulart, 1983, p. 65).

Poder-se-ia azeverar que a própria falta de conscientização da comunidade é a que está provocando a determinação destas lacunas pré-históricas.

Os sítios e os diversos restos arqueológicos encerram rico potencial de informações ao respeito. A análise das técnicas de fabricação de artefatos de pedra e osso, dos produtos de madeira e trançados e até dos fragmentos de cerâmica, são de fundamental importância para o estudo dos grupos humanos que os produziram. As grutas, os abrigos sob-rochas e os locais de sepultamento são outra fonte de grande informação. Todos estes vestígios relacionados no seu contexto e entre si, permitem determinar quem foram e como viviam os habitantes que no passado remoto viveram na região.

Estas manifestações culturais sofrem freqüentes vandalismos, uns realizados em nome do progresso: como as lavouras mecanizadas, as hidroelétricas ou as novas rodovias, outros decorrem de preconceitos ou de equívocos de interpretação. De forma tal que estes mudos testemunhos do passado, ora são destruídos por considerá-los "coisa de bugre", ora por despertar a cobiça de desinformados caçadores de lendários tesouros.

É neste sentido que se coloca como urgente a necessidade de iniciar um trabalho de resgate baseado na conscientização comunitária.

Coordenar as estratégias de valorização, preservação e investigação científica tem sido um dos imperativos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina inserido na Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste - FUNDES-TE. O desdobramento de ações nesta perspectiva, deverá ser efetivado com o auxílio das atuais comissões municipais de coordenação local que o Centro de Memória definiu e com as que futuramente serão definidas em outros municípios. Sem dúvida alguma neste empreendimento será essencial o respaldo dos diferentes poderes públicos e das diversas forças societárias. Enquanto isso, as diretrizes específicas do Centro de Memória (Anexo 01) precisam ser conhecidas e levadas à prática. O iniciar deste processo permanente de reconstrução do passado permitirá visualizar não somente de onde se partiu, senão também, e fundamentalmente, onde se quer chegar.

PRÉ e PROTO-HISTÓRIA REGIONAL

ATIVIDADES: Alocar, coletar e registrar o material encontrado referente à pré e proto-história na área de abrangência de cada município.

1.1. OBJETIVOS:

- Observar e analisar possíveis regiões onde existem vestígios arqueológicos;
- Coletar materiais arqueológicos respeitando técnicas de conservação;
- Desenvolver o espírito científico, através de estudos e observações do ambiente local;
- Iniciar atividades de campo observando, in loco, possíveis sítios arqueológicos (buracos de bugres, grutas, etc.)
- Levar a comunidade a trabalhar na coleta, resgate e preservação de suas áreas pré-históricas, abrindo espaços para a pesquisa.

1.2 PÚBLICOS ENVOLVIDOS:

- Alunos
- Pais e professores (APPs)
- Agricultores
- Clubes de serviços
- Jovens (Clubes 4s e/ou grupos de jovens)
- Associações classistas
- Outros

1.3 RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS:

- HUMANOS:
 - Comissão Central de Organização da Memória/FUNDESTE
 - Comissão Municipal
 - Diretores e Professores de Escolas

- FINANCEIROS:

- Prefeituras Municipais
- Órgãos financiadores diversos
- (CNPq, Projeto Rondon, SPHAN, etc)

1.4 OPERACIONALIZAÇÃO (estratégias):

- 1.4.1 Em reunião com os diferentes públicos, divulgar a atividade em forma de desafio;
- 1.4.2 Definir subcoordenações junto a cada público envolvido;
- 1.4.3 Estabelecer normas de registros em fichas do material coletado e/ou sítio visitado;
- 1.4.4 Definir pontos de guarda e pré-organização do material junto a cada comunidade envolvida;
- 1.4.5 Organizar, tecnicamente, o material para torná-lo acessível ao público;
- 1.4.6 Organizar turmas para visitaçãõ "in loco" de possíveis regiões arqueológicas.

GLOSSÁRIO

O presente vocabulário foi elaborado tomando, principalmente, como base o glossário apresentado por Ribeiro (1977) e Mendes (1977).

- Abrigo sob rocha: Local arqueológico, formado por paredes rochosas, com uma parte projetada para fora (espécie de telhado natural) ocupados, ocasionalmente, por populações primitivas. No planalto catarinense são frequentes, em todos eles encontram-se sepultamentos.

- Acordelado: Técnica de confecção da cerâmica que consiste em superpor roletes de pasta de comprimento variável, em sentido circular até construir a parede do vaso. Mais de 90% da cerâmica do Sul do Brasil foi confeccionada com esta técnica.

- Antropologia: (Anthropus, homem; logos, estudo) Ciência que estuda o homem na sua totalidade (evolução psicossomática e cultural). A dimensão biológica do homem é estudada pela antropologia física; a dimensão sócio-cultural do homem é objeto de estudo da antropologia social e da antropologia cultural respectivamente.

- Arqueologia: Disciplina que se refere às técnicas de apreensão do passado da humanidade através da recuperação e classificação de seus vestígios materiais. Segundo o período da evolução humana que estuda, subdivide-se em arqueologia pré-histórica e arqueologia histórica.

- Artefato: Qualquer objeto manufaturado pelo homem.

- Autóctone: Aborígene, habitante primitivo de uma terra.

- Camada: Superposição de estratos, de composição natural ou artificial.

- Camada de Ocupação: Camada com evidências arqueológicas.

- Carbono 14: Ou radiocarbono, isótopo radioativo do carbono comum ($C-14$) que se encontra nas plantas e animais numa determinada proporção. Com a morte dos organismos, essa proporção modifica-se devido à desintegração. Após 5.730 anos, a proporção cai para a metade. De terminar a proporção com o $C-14$ e o $C-12$ permite calcular a idade do material analisado. Esse método de datação permite calcular idades até 70 mil anos com pequena margem de erro.
- Casa Subterrânea: Local escavado em forma de poço, com dimensões variáveis provavelmente recoberto, que poderia ter sido utilizado como habitação.
- Caverna: Local arqueológico, coberto, onde a distância da boca ao fundo é maior que a altura e do que a largura. Conhecida também como gruta.
- Cerâmica: Recipiente artesanal feito de barro queimado.
- Corrugado: Tipo de decoração cerâmica em que, depois da colocação de cada rolete, este é ligado ao anterior por meio de pressões mais ou menos regulares, espaçadas, executadas com as pontas dos dedos, em sentido perpendicular ou transversal ao vaso. O corrugado ungulado é a associação de unguiações a corrugações.
- Cultura: Conceito que engloba coisas materiais (objetos e técnicas) e elementos imateriais (crenças, conhecimentos, aptidões, normas, valores e símbolos).
- Decoração Plástica: É aquela que implica em modificação da superfície cerâmica. Tipos corrugado, ungulado, escovado, etc.
- Digitado: Tipo de decoração em que se fixam na superfície cerâmica as impressões das extremidades dos dedos.
- Escavação: Trabalho sistemático em um sítio.
- Escovado: Tipo de decoração cerâmica que consiste em passar um instrumento com pontas múltiplas ou áspero (sabugo de milho, por exemplo) que deixa sulcos bem visíveis nas superfícies, guardando certo paralelismo entre si.
- Etnografia: Estudo e descrição dos povos, sua língua, raça, religião. Disciplina integrante da etnologia.
- Etnologia: Estudo dos grupos humanos e sua cultura.
- Etnologia pré-histórica: Reconstituição da vida dos povos pré-históricos.

- Fase: Complexo cerâmico, lítico e de padrões de habitação, relacionados no tempo e no espaço, num ou mais sítios. A fase é uma fração da tradição. É um termo livre de conotações etnográficas, e, portanto, não implica em significação tribal ou lingüística alguma. Exemplo: Fase Botucaraí da tradição Tupi-Guarani. São aspectos distintos em tempos diversos.
- Inciso: Tipo de decoração plástica que consiste em incisões praticadas por meio da extremidade aguçada de instrumentos de diferentes formatos e dimensões.
- Indústria: Conjunto de artefatos.
- Mutações: Modificações impressas num indivíduo em consequência de anormalidades ocorridas no seus genes ou nos cromossomos de suas células e por isso tornam-se hereditárias.
- Pasta: Barro e antiplástico (tempero) misturado para a confecção da cerâmica.
- Paleontologia: Ciência que estuda restos fósseis de animais e vegetais que viveram antes dos tempos históricos. É auxiliada pela geologia e a biologia. Subdivide-se em 3 grandes ramos: Paleobotânica, Paleozoologia e Paleoeecologia (estuda o ambiente e hábitos de vida dos animais e vegetais pré-históricos).
- Petróglifo: Desenhos gravados em rocha, podendo ser coloridos ou não.
- Pré-História: Período anterior ao aparecimento da escrita e do uso dos metais.
- Proto-História: História dos povos primitivos. História primitiva.
- Roletado: Tipo de decoração que consiste em conservar os roletes de confecção do vasilhame, sem alisar a superfície externa.
- Sambaquis: Montes de detritos (conchas, ostras, etc) nos quais se encontram artefatos de barro e de pedra, ossadas humanas e animais, etc; marco de civilizações primitivas que se verificam em toda a zona litoral brasileira.
- Simples: Cerâmica sem decoração.
- Sítio-acampamento: Local de permanência temporária.

- Sítio-arqueológico: Local onde se encontram vestígios de sua cultura extinta. Utiliza-se também a denominação de sítio arqueológico de campo aberto, para diferenciá-lo do abrigo sob rocha ou das cavernas.
- Sítio-cemitério: Local onde se encontraram apenas evidências de enterramentos primários ou secundários.
- Sítio-habitação: Local com vestígios culturais de permanência prolongada.
- Sítio-oficina: Local onde foram encontradas evidências de fabricação de artefatos.
- Tradição: Grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal. Exemplo: Tradição Tupi-Guarani, Tradição Taquara, etc.
- Ungulado: Decoração composta por incisões produzidas pelas unhas sobre a superfície cerâmica.
- Urna Funerária: Vasilha utilizada para enterramento.
- Vasilhame: Todas as peças de recipiente de cerâmica.
- Zoólitos: Pedras esculpidas preferencialmente em basalto em forma de animal; geralmente apresenta esboço de cruz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BECK, Anamaria. Arqueologia em Santa Catarina. In: História de Santa Catarina. Paraná, Grafipar, 1970. v. 2.
2. . A variação do conteúdo cultural dos sambaquis. Pesquisas; Antropologia. Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata, n.18: 77-87, 1968.
3. BORDES, François. El mundo del hombre cuaternario. Madrid, Guadarrama, 1968.
4. CANALS FRAU, Salvador. Las civilizações pré-históricas de América. Buenos Aires, Sudamericana, 1973.
5. CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Toldo Chimbangue; história e luta Kaigang em Santa Catarina. Xanxerê, CIMI, 1984. 108 p.
6. DIAKOV, V & KOVALEV, S. A sociedade primitiva. 2. ed. São Paulo, Global, 1985. 87 p.
7. GOULART, Marilandi. Projeto Arqueológico Uruguai; Levantamento e escavação de sítios arqueológicos no Município de Chapecó Santa Catarina; Relatório. Florianópolis, UFSC, 1983.
8. LAMING-EMPERAIRE, Annette. La arqueologia pré-histórica. Barcelona, Martinez Roc, 1968. 191 p.
9. MARCONI, Marina de Andrade & PRESSOTO, Zélia Maria Neves. Antropologia; uma introdução. São Paulo, Atlas, 1985. 255 p.
10. MEGGERS, Betty J. América Pré-histórica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 242 p.
11. MENDES, Josué Camargo. Paleontologia Geral. São Paulo, LTC; USP 1977.
12. PESQUISAS; antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 40, 1985.
13. PESQUISAS; antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 15, 1966.
14. PIAZZA, Walter F. Santa Catarina; sua história. Florianópolis, Lunardelli, UFSC, 1983.
15. RAMOS, Arthur. Introdução à antropologia brasileira. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943.
16. RESGATANDO o passado. Perspectiva Universitária. 14 (212):6-7, mar. 1987.
17. RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Manual de introdução à arqueologia. Porto Alegre, Sulina, 1977.
18. RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório. Petrópolis, Vozes, 1979. 257p.

19. ROHR, João Alfredo Pe. Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina; Separata do volume II dos anais do Primeiro Congresso de História Catarinense . Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950. 120 p.
20. _____ . Sítios arqueológicos de Santa Catarina. Anais do Museu de Antropologia da UFSC, 16 (17): 77-174, dez. 1984.
21. SANTOS, Silvio Coelho dos. Nova história de Santa Catarina. Florianópolis, Lunardelli, 1974. 124 p.
22. THOMÉ, Nilson. Civilizações primitivas do contestado. Caçador, Imprensa Universal, 1981. 75 p.
23. TRIGGER, Bruce G. Além da história; os métodos da pré-história. São Paulo, EPU, 1973.